

# **CADERNO Nº 2**

# **CADERNO Nº 2**

Lições do Pe. Manuel Nunes Formigão às suas religiosas  
sobre os seguintes temas de espiritualidade:

## **TEMAS:**

Pontualidade

Exactidão

Constância

Paciência

Cautela

Docilidade

Afabilidade

Fervor

# I. PONTUALIDADE

A precisão dos nossos actos quanto ao tempo chama-se pontualidade, quanto ao modo exactidão, quanto ao lugar assento.

## **A pontualidade divina.**

A eternidade é um ponto. Por isso as acções divinas são pontuais por definição. Quando Deus opera no tempo, é extremamente pontual em fazer as coisas no momento estabelecido.

Desta pontualidade divina temos um exemplo claro na natureza. Os astros nos seus movimentos de rotação e de translação não se atrasam nem se adiantam um segundo.

A pontualidade reina soberana no universo e o relógio solar, único verdadeiramente preciso, é a mesma de todas.

Jesus, solicitado a fazer um milagre fora da hora estabelecida, responde: “a minha hora ainda não chegou”. E até a Satanás Deus fixou a sua hora: “haec est hora vestra et potentes tenebrarum”.

Deus não faz nada nem antes nem depois.

Nós, chamados a imitar a perfeição divina, devemos tanto quanto possível copiar a sua pontualidade.

## **Antecipação, precipitação, atraso**

A pontualidade é um dom que em geral é inato, e que, todavia, pode afinar-se ou perder-se. Felizes aquelas pessoas que ouvem bater interiormente o seu relógio e obedecem ao chamamento dele. O pior é quando se desconcerta. Então o apressado opera antes da hora, o fleumático depois e o precipitado mal.

Por isso, os defeitos contra a pontualidade são **três**: dois por excesso e um por defeito: a *antecipação*, a *precipitação* e o *atraso*.

### *A antecipação*

O apressado é um impaciente, não se resigna a esperar pela sua hora. Para quê

tanta pressa? Para pôr a terrina na mesa a fim de não arrefecer? Para fazer a cama antes que a pessoa se levante? Para ir à comunhão antes de se abrir a Igreja? Para apanhar fruta antes de estar madura? Para fazer a confissão sem preparação? Para agir sem conselho? Essa pessoa, afinal de contas, não é senão uma forma de voluntariedade, um capricho. E uma antecipação interessada. Antecipam-se as acções que agradam, retardam-se as que são penosas.

Com a pressa, transtorna-se tudo. Viola-se a grande lei da vida: cada coisa a seu tempo, um tempo para cada coisa. O apressado, de resto, nem sempre chega a tempo. E que, devagar se vai ao longe, diz o provérbio.

A pressa perturba a nossa vida e a dos outros. Estamos todos ligados, na família, na sociedade, na Igreja, na comunidade. As acções do apressado, feitas antes do tempo produzem a perturbação e a desordem naqueles que têm de caminhar com o apressado e não podem acompanhar o seu passo. São donos e donos sérios.

#### *A precipitação*

E não são estes os únicos donos. De ordinário o antecipado é também um precipitado; não só opera antes do tempo mas desastrosamente. O cavalo que dá um puxão ao carro, em lugar de o mover, parte os tirantes.

As acções feitas com precipitação ficam incompletas ou mal feitas. As orações uma avalanche de palavras, as confissões mutiladas, as comunhões um esfacelo da piedade, as Missas ouvidas numa impaciência.

Em família ou em comunidade a vassoura precipitada deixa lixo por todos os cantos, a cama feita à pressa fica descomposta, a comida esturra-se, os remendos não se aguentam e, enquanto o apressado se lisonjeia de que já está a comer a sobremesa quando os outros ainda não comeram a sopa, não repara em que perturbou a digestão e está ameaçando a saúde.

#### *O atraso*

Se a precipitação traz consigo os danos da pressa, o atraso traz outros ainda maiores. As causas do atraso são quatro:

#### **A primeira causa é a pose**

Há pessoas para as quais o maior aborrecimento não é o de fazer as coisas, mas o

de as fazer a tempo. O horário como que lhes implica com os nervos. É chic chegar no meio do sermão, é chic ir a uma reunião meia hora depois. Fazerem-se esperar, parece a estas pessoas uma homenagem à sua majestade de papelão.

### **A segunda causa é a intolerância**

Como é incómodo ter hora fixa! Não é melhor dormir enquanto se tem sono? Comer quando se tem fome? Rezar quando se tem fervor? Trabalhar quando chega a vontade? Fazer as coisas a tempo torna as acções mais meritórias por causa do sacrificio anexo.

### **A terceira causa é a fleuma**

Os fleumáticos nunca chegam. O tempo para eles é sempre muito breve. Vem a hora de fazer um segundo trabalho e têm de o deixar porque ainda vão no meio do primeiro.

E não se julgue que são inactivos; pelo contrário, estão sempre muito ocupados, porque antes de mover um dedo têm de organizar um verdadeiro processo. Complicam as acções mais simples, porque misturam com elas uma série de actos que para nada são precisos.

Quando estão prestes a acabar, parece que sentem remorsos de ter chegado ao fim e tratam de fazer a revisão de toda a série. Almas patetas de todo! Podem correr quanto quiserem que chegarão sempre tarde, quando, em vez de seguir em linha recta, correm em ziguezague!

### **A quarta causa é a indiferença**

Mas a causa mais frequente do atraso é a indiferença. Quando se trata da saúde, do interesse ou do capricho, é-se pontualíssimo. Mas, tratando-se de coisas morais ou espirituais, que diferença de pontualidade!

## **O Horário**

É preciso observar-se o horário. A pontualidade é a vida física, económica, moral, intelectual e religiosa.

O melhor pulso não é o lento nem o acelerado, este é a febre, aquele a anemia; pulso são é aquele que dá a suas sessenta pulsações regulares por minuto. Esta é a saúde. Mas o tempo que é a medida da saúde física, é também a medida da saúde moral. Toda a vida religiosa se baseia sobre o horário mais que sobre as grandes acções. As

associações pequenas e grandes, até às nações e à própria Igreja, regem-se segundo a pontualidade. Nós mesmos, sendo pontuais, sentimos correr nas veias outra vida. Fazendo as coisas a tempo, ganhamos tempo e as fazemos mais bem feitas.

No emprego, no trabalho, produziremos muito mais. A pontualidade na meditação, na leitura, no estudo, será imensamente rendosa para a vossa cultura religiosa e moral.

Diante de Deus alcançaremos grandes méritos porque não é pequeno o sacrifício de obedecer ao tempo. Gozaremos de uma infinidade de graças, sobretudo daquelas que são chamadas inspirações. Deus fala rápido e veloz. Ele quer a alma atenta a ouvi-Lo. Devemos acorrer prontamente ao seu chamamento. Deste modo Ele nos assistirá com as suas constantes aspirações. Mas sobretudo mostraremos que O amamos. Nenhuma paixão é tão pontual como o amor. As virgens loucas, reprovadas pelo esposo, no fim de contas não foram senão retardatárias e o esposo fechou-lhes a porta na cara, não pelas suas más acções, mas pela sua frieza.

Ele medirá, pois, o nosso amor, pela nossa prontidão.

Nos nossos entretenimentos com Nosso Senhor, se O amarmos verdadeiramente, seremos pontuais sem esforço e quase sem darmos por isso. Assim, a pontualidade se reveste de moralidade e até de idealismo.

A alma pontual, obedecendo ao tempo, vence-o e domina-o. E ela a única que conhece o presente e o sujeita ao seu serviço. As outras conhecê-lo-ão quando já tiver passado, para lastimarem a sua perda e irão procurá-lo no futuro para o prevenir com inúteis cuidados e com vãos desejos que não saberão depois realizar na hora que foge.

### **A meticulosidade**

É preciso não converter a pontualidade em meticulosidade. O horário não pode ser rígido. Deve ser humanamente susceptível de observância. Admite por isso mesmo excepções. Serão dadas pelo superior havendo motivo justo. Sejamos pontuais, mas não até à mania, moralmente, não materialmente, uma alma e não uma máquina. Oh! como caminharia bem o mundo se todos fossem pontuais! Nenhum choque, nenhuma interferência, nenhuma falta, nenhuma antecipação, nenhum atraso! E com que regularidade de movimentos a alma subiria até ao Paraíso!

Antes a terra seria já uma antecipação do Céu!

## II. A EXACTIDÃO

Agir com exactidão quer dizer cumprir com igual empenho não só os grandes mas também os pequenos deveres e procurar em cada acção não só a substância mas as suas particularidades e assim realizá-la dum modo mais perfeito possível, tanto no conjunto como nos pormenores.

### **A exactidão divina**

Deus é admirável nisto. Ele faz tudo com ordem, peso e medida e põe o mesmo empenho na criação de um mundo como na de um átomo. O telescópio revela-nos a precisão divina nos astros e o microscópio numa bactéria, num micróbio invisível a olho nu. A estrutura perfeita, o equilíbrio constante, a proporção exactíssima em todas as coisas criadas são tais que nós podemos codificá-las nas suas leis eternas que jamais falharão. Por isso, depois de cada fase da criação, nós ouvimos o criador declarar-se contente com a sua obra: *Et Viti Deus cuncta quod assent bona*

Por sua vez, o Santo Evangelho elogia a exactidão de Jesus: *Boa omina flecti.*

Em todos os Santos a virtude heróica, mais que nas grandes acções consiste no modo de as fazer; o mártir distingue-se mais num sentimento do que no facto de morrer; não é o êxito que faz o apóstolo mas o zelo; não são as grandes mas as pequenas acções que fazem o fiel (porque foste fiel no pouco...) e, se fizesse, diz S. Paulo, as obras mais grandiosas e me faltasse o ardor, não seria senão um bronze que soa.

### **Como se procede com exactidão. Não descemos a coisas pequenas**

Para operar com exactidão é preciso cumprir todos os deveres, não só os mais importantes e os que dão mais nas vistas, mas também as mais pequenas e as mais escondidas: *Haec oportuit facere et illa non omittere.* Assim como há uma barbárie e uma civilização social, há também uma barbárie e uma civilização moral.

Se quisermos civilizar espiritualmente o nosso interior, onde vive a verdadeira vida cristã, veremos surgir em torno de nós uma imensidade de pequenos deveres, que descuramos, ainda que não seja senão por leviandade ou falta de reflexão. A cultura do espírito é feita de minúcias e os hábitos virtuosos formam-se à força de pequenos actos.

Por exemplo na família e na comunidade, a cortesia recíproca, a delicadeza, a hospitalidade, a precisão e a prontidão em preparar as coisas e em apresentá-las, a vigilância, a correção, o bom exemplo, a atenção às necessidades de todos. Na sociedade, o respeito pelas opiniões dos outros, o respeito e a honra prestados aos superiores, aos velhos, o conforto e o socorro às misérias alheias, a rectidão nos negócios e na justiça, a operosidade, a propaganda da verdade, a educação feita especialmente com o exemplo e, em geral, a busca de todas as boas ocasiões para fazer o bem ou para evitar o mal.

Religiosamente, não só os grandes deveres de piedade, mas os pequenos, de rezar muitas vezes, de rezar jaculatórias, de se conservar na presença de Deus, de frequentar os sacramentos, de renovar os actos de Fé, Esperança e Caridade e de dar de tudo isto uma exemplar manifestação pública.

Moralmente, se pensássemos que bastava a limpeza espiritual uma vez cada ano estaríamos num grande erro e precisamente neste: que, não nos preocupando com os pequenos defeitos, cairíamos nos grandes, segundo as palavras de Nosso Senhor:(latim) Conservarmo-nos imunes das faltas grandes está bem; mas não basta, é preciso que nos preservemos também das pequenas.

Se evitarmos a soberba, porque não evitarmos a vanglória? Se detestarmos a hipocrisia, porque não havemos de detestar a simulação, a mentira, os meios termos? Se nos sentirmos obrigados aos grandes deveres, porquê tantas omissões e tantos descuidos nos pequenos? Se nos parece abominável o ódio, porque não consideramos também abominável o rancor, o ressentimento, a má disposição, a antipatia consentida e manifestada? Se nos revoltamos contra os ociosos, contra os que nada fazem, porque perdemos tanto tempo no ócio? Se julgamos grave a leviandade dos outros, porque não nos corrigimos da nossa volubilidade e inconstância? Evitamos o pecado e abandonamo-nos sem escrúpulo a mil desejos, e complacências, caminhando alegremente com o pensamento à beira do pecado!

### **Fazer bem feita cada uma das nossas acções**

Não basta fazer, é preciso fazer bem; não basta proceder de qualquer modo é preciso proceder como deve ser. As acções devem ser feitas integralmente com todo o cortejo dos seus pormenores, aliás ficarão mutiladas. Quantas não são aquelas que as

fazem por metade ou omitem uma parte e até a mais penosa que, de ordinário, é a mais importante. Fazem a janela e não lhe põem as vidraças, cozem um pitéu e não lhe deitam sal, limpam um vestido sem repararem numa nódoa que ele tem, fazem uma comunhão omitindo a acção de graças, comem as palavras nas orações e saem da Igreja ao último Evangelho. Mas não basta fazer as acções integralmente, é preciso dar a cada pormenor a finalidade devida.

Toda a acção se compõe de um certo número de pequenos actos, como um edifício de umas tantas pedras e um quadro de uns tantos toques. Uma distração, uma tibieza, qualquer segundo fim que se venha a inserir na nossa obra boa, tiram-lhe a beleza e a graça e às vezes até o mérito.

Vejam um vestido. Para que seja belo, não basta escolher a fazenda, é preciso que seja bem talhado, bem cozido, bem guarnecido e que esteja limpo. Assim as acções. A sua integridade moral depende da perfeição de todas as partes.

De que vale uma obra de caridade misturada com a tacanhez ou com a vanglória, uma oração pronunciada distraidamente ou recitada maquinalmente como faz um fonógrafo? Que dizer da insensatez vaidosa de tomar conta de muitas e grandes tarefas para as fazer mal feitas e de que serve correr ao encontro do Esposo com a lâmpada vazia?

Devemos tomar estas resoluções:

1. Fazer cada coisa por sua vez.
2. Prestar atenção àquilo que fazemos.
3. Não nos precipitarmos.
4. Fazer tudo com seriedade.
5. Finalmente voltar atrás, depois de cada acção, para ver como foi feita.

### **A pessoa exacta**

A pessoa exacta, manifesta-se tal à primeira vista. O vestido limpo e asseado, os membros compostos, o olhar atento, a economia medida dos movimentos: eis a personificação da lei do máximo rendimento com o mínimo de esforço. Pela manhã determina o que tem a fazer, ordena-o segundo as precedências da necessidade ou do dever, distribui-o pelo tempo e lugar devido. Em toda a tarefa, mesmo pequena, renova a sua atenção, recolhendo-se interiormente nela, isto é, não só com as faculdades

exteriores (os lábios, os braços, os pés,) mas também com as interiores ( a inteligência e a vontade) às quais compete mandar e vigiar. Começa, prossegue e termina a sua acção, pondo o mesmo cuidado no todo como nos pormenores. Não olha ao verniz, isto é, ao que mais sobressai, mas à substância: o cozinhar uma iguaria, o fazer um vestido, a limpeza da casa, o cuidado de um registo, o amanho de um jardim ou de uma horta, como os negócios mais importantes do seu emprego e o que se refere mais de perto à sua alma como o estudo e a piedade, ocupam-na totalmente, como se naqueles momentos não tivesse mais nada a fazer.

Nenhuma coisa é muito difícil para ela, porque sabe dividi-la nos seus momentos e nenhuma é muito fácil, porque procura em todas a maior perfeição possível. Todas a procuram para lhe confiar o cuidado das coisas mais árduas e dizem: “fiquemos tranquilas.., é uma pessoa exacta.”

### **As vantagens da exactidão**

Muitas e verdadeiramente admiráveis são as vantagens da exactidão. Primeiro que tudo a plenitude da vida cristã. Não há cantinho na alma da pessoa exacta que não esteja cheio de bem espiritual, não há detalhe em que não brilhe diante de Deus a sua obra boa.

Essa alma adquire uma imensidade de méritos. Parece na verdade que cada acção se multiplica tantas vezes quantas são os actos e os momentos de que se compõe e dos quais cada um tem, por assim dizer, a marca da sua atenção e do seu cuidado. Fiel nas pequenas coisas, terá o prémio das grandes. Sobretudo ela progride. Que caminhe ou que voe, não há saltos no espaço a percorrer; a pé ou a voar devem passar igualmente em todos os pontos do caminho sem deixar um só: assim avança e chega.

Se tiver dez talentos, caminhará mais depressa, se só um, mais devagar; mas com um ou com dez, o que importa é negociá-los sem perder um centavo. Só assim acumulará os seus ganhos de cada dia e dará um passo à frente na sua vida espiritual.

Além disso, fazer uma obra descurando uma parte dela, como secundária, quer dizer fá-la mutilada e por isso é preciso refazê-la. Será necessário tornar a ler a página espiritual lida distraidamente, repetir a confissão feita sem exame nem dor. Do mal o menos. Mas há coisas que não se podem tornar a fazer. Uma Missa, uma Comunhão, uma visita ao Santíssimo Sacramento, uma obra de caridade prejudicada nalguma parte, têm, por assim dizer, metade do seu valor, um valor diminuído que não se supera nunca

e representam um tempo perdido.

Uma casa feita por um pedreiro que não praticava a exactidão precisa de ser reparada, um vestido terá de ser remendado, um quarto terá de ser arranjado, um trabalho terá de ser refeito, senão não servem. A pessoa exacta, pelo contrário, não precisa de emendas e de mata-corrige no livro da vida, porque tudo está bem feito e cada linha é um progresso. Só ela é capaz de apresentar a Deus, à família, à sociedade, obras que são obras -primas daquela arte que mais se assemelha à criação.

Olhando para as suas acções de cada dia pode dizer as palavras divinas: (latim).  
*“E Deus viu que tudo era bom”*.

É a exactidão, virtude tão pequena quanto necessária, que tece a trama de que são feitos os mais sumptuosos damascos que sobrepõe as pedras de que constam as torres mais altas, que escreve as sílabas de que estão vincadas as páginas mais belas, que gera o átomo de que se compõem os séculos: dela depende a virtude de cada um e por isso a grandeza moral das famílias, das nações e da Igreja.

### III. A CONSTÂNCIA

A vida é feita de acções e de sofrimentos. Ora, a virtude que nos ajuda a agir e a sofrer é a fortaleza. A fortaleza tem quatro virtudes: duas para agir e duas para sofrer. Vencer as dificuldades do agir é constância; continuar nesse esforço é perseverança; mantermo-nos serenos contra um mal presente é paciência, esperar um bem longínquo é longanimidade. Constância, perseverança, paciência, longanimidade, que magnífico exército contra todas as dificuldades da vida!

#### **Agora vamos falar da constância.**

É fácil, porém, ver como a perseverança lhe está unida estreitamente. Ambas tendem para o mesmo fim, que é a firmeza na acção; se a constância quer dizer esforço, a perseverança significa continuidade. Por isso, falando da constância compreendemos nela a perseverança.

#### **A necessidade da constância**

Não há virtude sem constância. A virtude efémera não é virtude. É um acto, não um hábito, e não corresponde à sua própria definição. Por isso a constância entra em todas as virtudes como elemento constitutivo. Mas a constância não só é necessária àquele conjunto de actos que formam a virtude, senão que muitas vezes é necessária mesmo a um só acto.

Há acções que exigem muita energia, outras que reclamam pouca.

O martírio, por exemplo, que força de ânimo não requer! O mártir não será tal sem constância. Mas há mais. Podemos dizer que o bem que se faz é proporcional à constância e todas as vezes que falta a constância, cessa a virtude e começa o vício. Não se faz o bem sem lutar contra o mal.

Ora, desistir da luta contra o mal não quer dizer apenas permanecer inerte, mas perder a batalha, porque os inimigos não desarmam.

Desta sorte, a inconstância e o pecado encontram-se no mesmo terreno. Isto torna-se ainda mais claro quando uma dada acção ou uma série de acções constituem um dever, como por exemplo, a vigilância sobre os súbditos, a fidelidade aos deveres de estado, um voto, etc. Aqui a inconstância resolve-se num pecado de omissão ou de

infidelidade.

Mas vejamos coisas ainda mais importantes. Há acções que são complexas; e, como uma só e a mesma cadeia é feita de muitos anéis assim aquelas acções são feitas de muitos actos. E, se toda a série destes actos não é completa, as acções ficam imperfeitas e até se convertem num desastre, como, partido um anel se desfaz a cadeia. Tais são por exemplo, a erecção de um edifício, a construção de um navio, a própria educação, a execução de certos negócios, o desempenho de certos encargos, etc.

Parar no caminho e interromper a marcha, quer dizer, as mais das vezes ter feito inutilmente todo o trabalho precedente. Se na edificação duma casa, chegamos ao tecto e paramos, deixando o edifício descoberto, de que nos serve termos levantado as paredes? Se no momento de obtermos o diploma, deixamos os estudos, perdemos a carreira.

Mas entre as acções compostas, há uma que podemos considerar como o conjunto de todas e é a salvação eterna, que estamos em presença da perseverança final. Sem dúvida o dever seria que a vida interior não fosse senão uma prolongada e grande acção honesta e cristã, sem deficiências de espécie alguma. Mas isto é bem raro.

Geralmente, a vida moral é feita de quedas e de levantamentos, de pecados e de arrependimentos, de mortes e de ressurreições. O que é necessário é que termine bem. É bem sabido e é de fé que a perseverança final é um dom gratuito de Deus. Mas é também sabido e tem o seu valor o provérbio: *Qualis vita, finis rita*, isto é, que a conclusão da vida se molda das premissas. Santo Agostinho disse: *“Aquele que te caiu sem ti, não te salvará sem ti”*. Da nossa parte, devemos, pois, fazer tudo para sermos constantes e perseverantes. Quanto mais não seja, será bem necessário sermos perseverantes em orar para termos aquela graça suprema. A necessidade da constância é, portanto, tanta quanta a da salvação eterna.

### **A constância mundana**

O mundo não compreende nem é capaz de compreender estas verdades. Não é de admirar que tenha subvertido a ideia da constância. Ele considera inconstante aquele que sendo mau, se converte, lhe volta as costas e combate as suas máximas e as suas desordens. A constância que o mundo compreende não é senão a obstinação.

Os melhores entre os mundanos, em vez da constância, palavra cristã, e por isso antipática, elogiam a tenacidade que é o mesmo que a persistência nos propósitos,

quaisquer que eles sejam, contanto que não mudem.

Deste modo, o verdadeiro homem de carácter, para o mundo é o pertinaz, isto é, aquele que não muda de opinião, aquele que não muda de rota na vida.

Pode haver pior de que isto? Pode haver e há.

O mundo pune a constância a que chama obstinação, e premeia a obstinação a que chama constância. Todos os mártires foram condenados sob este título: “És obstinado? Morres!”

Entre os delinquentes exige-se e premeia-se a obstinação no mal como uma das constâncias mais admiradas. É exigida com juramentos solenes e é punida terrivelmente a traição e o perjúrio.

Dada a fascinação e o prémio detestável oferecido pelas paixões, a constância mundana parece custar muito pouco ou ao menos suporta-se o esforço que ela impõe, quase com uma alegria feroz.

Veja-se com que firme insistência o homem do prazer, do dinheiro e do ódio prepara, prossegue e aguarda a hora do satisfazer a sua paixão!

Mas essa insistência não é constância, é obstinação.

### **A inconstância**

Mas mesmo sem descer aos delinquentes e aos tiranos, onde a constância é substituída pela obstinação, não é por ventura verdade que a inconstância é o triste dote do maior número de pessoas? O insensato muda como a lua, diz o texto sagrado.

Variar de opinião segundo o vento que sopra, entrar na corrente dum ou doutro partido segundo a oportunidade, fazer todos os dias propósitos que no dia seguinte se dissipam como fumo, arrepender-se do que se fez ou não se fez e depois arrepender-se de se ter arrependido, começar uma empresa com um ardor de herói e poucos dias depois renunciar a ela, grandes palavras, grandes elogios, grandes promessas sem outra base senão a vaidade de os proferir, obedecer não à razão mas à imaginação, ao capricho e aos nervos, ser por isso um barómetro cujos ponteiros indicam sempre o tempo variável, e espiritualmente misturar indiferentemente confissões e pecados, eis o inconstante.

É um verdadeiro opróbrio.

Mas que importa? Aquele mesmo mundo que elogia a obstinação, continua a

elogiar a inconstância. Dizia um poeta italiano: “Detestamos a constância tirana do coração como uma doença cruel?” Para o mundo o inconstante é uma forma de elegância. Os constantes são considerados pessoas frias, insuportáveis. Especialmente na mulher, a volubilidade, a leviandade, a instabilidade e o capricho são admirados como uma graça e tornam uma arte de sedução.

### **As causas da inconstância**

Por mais difícil que seja praticar o bem, não há ninguém que, uma vez ou outra, não saiba aprontar o esforço de fazer uma boa acção ainda que seja com sacrifício. Mas é coisa muito difícil fazê-la hoje, amanhã e sempre, e a todo o custo. Em suma, a dificuldade maior não está em fazer mas no perseverar.

É aqui que se verificam as falhas e os insucessos. E a causa destas falhas e destes insucessos são várias e estão parte em nós e parte fora de nós. Em nós a *fragilidade*, a *mutabilidade* e a *volubilidade* e fora de nós o *mundo* e o *demónio*. É necessário analisá-las bem se as quisermos combater.

#### **Em nós:**

##### ***A fragilidade***

Somos resistentes até um certo ponto. Como todos os metais têm o seu grau de dureza, além do qual se quebram, assim todos os homens têm o seu grau de firmeza além do qual cedem. Com a diferença de que nos metais a dureza é específica e é por isso invariável para toda a espécie de metal; em nós, pelo contrário, a firmeza é individual e por isso difere de homem para homem. Um é tão frágil que não resiste nem ao primeiro choque; outro tem um carácter rijo que nenhuma força será capaz de o quebrar. Entre estes dois extremos há todas as gradações possíveis.

Seria erro gravíssimo estabelecer uma espécie de equação entre a fragilidade e a inconstância como se as questões morais em que entram em acção a liberdade e a graça se resolvessem matematicamente. Porém, é certo que entre elas há uma relação que poder redundar em vantagem nossa quando a fragilidade é defendida pela prudência e sustentada pela oração. Mas, quantos são os que as empregam? É, de resto, o próprio facto de que a fragilidade tem necessidade de auxílios especiais, não nos diz claramente que ela, em regra, se apresenta com os caracteres de uma espécie de doença constitucional cuja consequência é a inconstância?

### *A mutabilidade*

Além de frágeis somos mutáveis. Não só a firmeza é diversa de homem para homem mas é até diversa nos diversos momentos da mesma pessoa.

As qualidades do eu de hoje são diferentes das qualidades do eu de amanhã. A força moral também está sujeita a fases e todos somos capazes de uma mutabilidade desconcertante. Um adulto tem uma capacidade de resistência superior àquela que tinha quando criança e àquela que terá quando for velho. Além disso, a capacidade de agir aumenta com o exercício e diminui com a falta de uso, até se atrofiar. Quer dizer isto que nem sempre nos apresentamos à acção com a mesma energia. É claro que esta mutabilidade se muda também em inconstância.

### *A volubilidade*

A volubilidade, isto é, o capricho e, por assim dizer, a anarquia nos desejos, é devida a contrastes interiores e estes por sua vez são devidos às vicissitudes das forças que actuam e exercem pressão sobre o espírito. O volúvel é uma balança que se inclina, que balança ora para um lado, ora para o outro conforme se põe ou se tira um peso.

Estes pesos para a vontade são os estímulos a agir. E, embora sob diversos estímulos, permaneçamos essencialmente livres, não se pode negar que o seu alternar-se não influa na variabilidade, dos juízos e dos desejos. A razão de tal influência até a medida da própria influência está toda na nossa impressionabilidade.

Às vezes surge no espírito de uma pessoa uma ideia que parece luminosa e decisiva, suponhamos a ideia do dever. Mas porquê? Porque leu uma página ou então se lhe apresentou diante dos olhos um exemplo que a impressionou naquele sentido. É um estímulo. Amanhã terá outras páginas de moral livre e experimentará uma sugestão oposta. É outro estímulo. Essa pessoa é facilmente impressionável e por isso muda de um momento para o outro.

### **Fora de nós:**

#### *O mundo e o demónio*

As causas interiores da inconstância encontram aliados tremendos noutras causas que fazem pressão sobre nós do exterior e são o demónio e o mundo: tentações,

seduções, maus exemplos, perseguições, danos físicos e morais.

Estas forças adquirem um poder especial quando são insistentes e imprevistas. Se a gota de água escava a rocha, podemos nós resistir, hoje, amanhã e até toda a vida sob a sua pressão? Não é de recear que a nossa energia se esgote e que ao fervor e ao vigor do primeiro impulso, suceda o cansaço e depois deste a queda?

Mas, podemos supor que, dedicando-se a uma obra, cada qual faça as suas contas com o pró e com o contra e empregue nela tanta energia que a leve até ao fim. Isto, porém, no caso de que as forças que se opõem à acção sejam normais na sua pressão. Mas quem será suficientemente acautelado contra o imprevisto, especialmente é impotente?

Assim, se uma pessoa resiste às tentações normais, saberá ser igualmente constante sob a fascinação de uma grande sedução?

### **Os remédios contra a inconstância**

Contra todas estas dificuldades há remédios verdadeiramente decisivos. Contra a fragilidade há primeiro que tudo um conforto; que nunca seremos tentados acima das nossas forças; é promessa divina.

Aqui, porém, é preciso assentar bem no que se entende pela expressão “as nossas forças”. Não se entende só aquela medida de resistência de que cada um pode dispor na luta, mas também da sua prudência. Quer dizer que aquele que é frágil não deverá nunca defrontar-se com uma força maior do que a sua e muito menos ir em busca dela. Não é só a paixão que faz o homem ladrão, é também a ocasião proporcionada à paixão.

Aquele que se sente fraco tem obrigação de tomar precauções muito maiores do que aquele que se sente forte. Uma bilha de barro não irá chocar com um vaso de bronze. Portanto o primeiro remédio contra a fragilidade é a cautela no expor-se aos perigos.

Há, além disso, muitos auxílios com os quais se pode ir em socorro da fragilidade, por exemplo: os avisos, as admoestações, os conselhos e os exemplos dos outros. Mas não há energia humana que resista aos golpes repetidos das paixões e das tentações sem um auxílio divino.

A constância é como aqueles canapés que para serem sólidos, resistentes e durarem bastante tempo precisam de ser entretecidos de muitos fios (prudência,

reflexão, sobriedade, cautela, etc.), mas que facilmente se estragariam se no seu interior não houvesse uma alma de aço. Essa alma de aço é a graça de Deus.

Há também uma observação a fazer sobre este assunto. Todas as energias são educáveis; educam-se de facto com o exercício.

Devemos exercitar-nos nos actos de resistência e de operosidade e veremos assim pouco a pouco crescer a medida da nossa força moral. Então se mudará em nossa vantagem a relação entre a nossa fragilidade e a inconstância.

Quanto à mutabilidade, empenhemo-nos em tornarmo-nos melhores neste ponto. Persuadamo-nos de que somos em grande parte senhores da nossa própria natureza. Renovemos muitas vezes os nossos propósitos. A volubilidade ingénita combate-se com a reflexão; a volubilidade está nos desejos e a vontade segue os motivos de se determinar pela razão. Apresentemos-lhe motivos de agir para o bem e veremos desaparecer a nossa volubilidade. Estes motivos estão em nós e em torno de nós por toda a parte, na natureza, na história, na religião, na moral. Basta meditá-los.

Temos, depois, contra nós o demónio e o mundo. Pois bem, o demónio foi já vencido por Nosso Senhor e o mundo também. Contra os seus assaltos, quando são normais, não será difícil conservar-nos constantes. às vezes, porém, são imprevistos e violentos. Decerto, as emboscadas são, entre as batalhas, as mais traiçoeiras. Mas há remédio também para isso.

Ponhamos em acção as nossas sentinelas; estejamos alerta a respeito de nós mesmos e em torno de nós; vigiemos e mortifiquemo-nos, como ensinou Nosso Senhor, quer dizer, não nos deixemos adormecer na estúpida segurança de sermos invulneráveis; não nos deixemos surpreender pelo assalto, com o sangue ardente e com a inteligência obtusa por efeito da falta de temperança no comer; sejamos cautelosos, sóbrios, atentos e veremos que as surpresas nada poderão contra nós.

Se o assalto fosse violento, como uma sedução extraordinária ou uma grande ameaça, mesmo a ameaça da morte, poderíamos conservar-nos constantes, quando o assalto nos encontrasse defendidos pela oração, pelos sacramentos e pela meditação, sobretudo se tivermos adquirido o hábito quotidiano de volver um olhar para o crucifixo e de pensar na constância com que Jesus por nosso amor, afrontou a morte.

### **O homem constante**

O primeiro sentimento que em nós produz o homem constante é a admiração. Estamos tão habituados às pessoas de meias medidas, das transacções, que ao encontrarmos um espírito maciço e forte suscita uma espécie de entusiasmo. Atílio Régulo.

A este respeito nada mais interessante do que a leitura das Actas dos Mártires e sobretudo a Paixão de Cristo. Aqui a constância conseguiu fazer e enchê-las de admiração e a fazer-lhes gritar roendo-se de remorsos e de vergonha diante do sublime espectáculo “Vere Filius Dei erat diste”!

O homem constante porém não procura a admiração. Ele sabe que será punido pela sua louca soberba com uma queda tanto mais humilhante quanto inesperada. Ele é portanto humilde.

Se a constância é feita de humildade, quer dizer que é feita também de prudência e de oração. A oração dá-lhe o auxílio de Deus, a prudência transforma a constância numa firmeza inteligente. O homem constante olha ao fim e quando reconhece que não o pode atingir por um caminho, muda-o e isto não por volubilidade mas por discernimento. A sua irremovibilidade não é, pois, absoluta mas relativa.

Não arrasta um perigo sem o medir; teme e foge daquilo que é de temer; e vai ao encontro das dificuldades calculando as suas forças; intrépido mas não imprudente; impávido mas não temerário. E um táctico, vário nos meios, firme; como um navio que pode alterar um pouco a sua linha mas nunca a sua rota para o porto.

A acção resulta, assim, pura, imaculada e forte, mesmo nas suas várias modalidades, como um cristal diversamente facetado, igualmente brilhante, ou como um exército vário na táctica mas igual na força.

## IV. A PACIÊNCIA

Assim como a constância é o nosso sustentáculo no agir, assim a paciência o é no sofrer. Alguém dizia que a paciência é a ciência do sofrer. O que é certo é que paciência não significa apenas sofrer, mas sofrer conscientemente por um fim superior. Quer dizer que a paciência não está no facto de sofrer, mas no ânimo com que se sofre.

Há, pois, na paciência alguma coisa de passivo, mas ainda muito mais de activo. E aquilo que na doença é a reacção; uma incessante substituição vital. Se todo o sofrer é um princípio de morrer, a paciência revira-o fazendo dele um princípio de viver. As forças depressivas e de destruição substitui forças restauradoras e reconstrutivas, as células mortas células vitais, ao abatimento a ressurreição moral, à desagregação a união.

É de facto a paciência que, suportando o mal, o transforma e o torna uma fonte de bem.

Louvores a Deus! Na virtude que aparentemente é a mais humilde de todas Deus nos deu a vivificadora da morte. E, se este é o valor de qualquer paciência honesta, qual não será o da paciência cristã a que se juntam finalidade e forças divinas! A distância é como da terra ao céu! É o que veremos mais adiante. Vejamos primeiro as falsas paciências.

### **As falsas paciências**

A primeira é paciência *supina*; reconhece-se facilmente, se se repara no burro paciente e maltratado. Uma aquiescência inconsciente à dor que está para a verdadeira paciência, assim como o burro está para o homem.

A segunda é a paciência *delinquente ou criminosa*. Mesmo para fazer o mal se sofre e como! É por isso também o delinquente resiste à dor com uma obstinação que talvez não se encontre naqueles que trabalham pelo bem. O ladrão, o assassino, o vingativo, o hipócrita, o sensual, a quantas fadigas e a quantos perigos não se expõem para satisfazer a sua paixão!

A terceira é a paciência *estóica*. Quer-se com isto indicar a imperturbabilidade e a impersibilidade do chamado sábio na dor. É uma paciência puramente civil.

A quarta é a paciência *cínica*. O cínico propõe-se rir perante o mal como perante o

bem.

A quinta é a paciência *interessada*. É a paciência no lutar pela pátria. É a paciência no trabalho da luta pela vida. É a paciência nos estudos. É preciso orientar esta nobre paciência para o fim supremo da vida que é a salvação eterna, aliás será uma paciência truncada no meio da sua bela estrada.

A sexta é a paciência *fatalista*. É a paciência puramente passiva que se abandona à dor como a um destino; a paciência do faquir. É bem claro que esta paciência não é mais que uma forma louvada de desesperação.

Para completar o quadro acrescentemos ainda a sétima paciência a que podemos chamar *sádica*, o prazer na dor. É uma degeneração.

### **Análise da verdadeira paciência**

É fácil demonstrar que as causas da paciência, verdadeira ou falsa, são todas ideais. Materialmente falando, não há nenhuma diferença entre a paciência do burro, do estóico, do delinquente, do cínico, do fatalista e do cristão. Todos sofrem e todos aceitam a dor. Se há alguma diferença é na causa.

E vê-se imediatamente que a causa é diversa segundo o diverso conceito de felicidade que cada um tem.

O criminoso pensa que a felicidade se identifica com o objecto da sua paixão, o estóico fá-la consistir na glória da sabedoria, o cínico na sua troça imprudente, o fatalista é auditivamente feliz na sua supina impersibilidade, o interesseiro crê na felicidade terrena, o cristão na celeste.

Em resumo, estabelecido o princípio, que é inconcusso, de que não há ninguém que possa abdicar totalmente da própria felicidade e que sofra só por sofrer, permanece inconcusso também este que os diversos tipos de paciência correspondem aos diversos conceitos de felicidade, que o problema da paciência é inteiramente um problema mental e que portanto as falsas paciências não são senão sabedorias falsificadas.

Se pois o problema da paciência corresponde ao problema da felicidade, para determinar qual seja a verdadeira paciência, não temos outra coisa a fazer senão ver qual nos garante a serenidade na dor.

Ponhamos de parte a paciência supina, cínica, fatalista e delinquente, todas elas formas que são respectivamente ou uma inconsciência ou uma sátira, ou uma

desesperação ou uma degeneração.

Falemos da paciência estóica e da paciência interessada, duas formas que têm pelo menos a paciência da racionalidade.

O nome da sabedoria é belo. O estóico e o filósofo que faz da necessidade virtude e se sobrepõe à dor com todo o peso da sua superioridade moral. Ele resigna-se por causa do lado belo da virtude; goza do espectáculo que nesses momentos o seu espírito apresenta e se constitui ele próprio espectáculo dos outros.

Uma complacência e uma ostentação. Mas não passa disto e é na verdade muito pouco. Se devo dar a minha carne aos tormentos e o meu espírito à angústia unicamente para gozar e dar o espectáculo da minha força moral, isto é insensatez.

Não se vive de espectáculos. Todo o meu ser reage contra esta estulta compensação do meu sofrimento e exclamo: “A virtude, tu não és mais que uma palavra”! O cristianismo dá-me a vida eterna, coisa muito diferente de ceptros de pau e de coroas de teatro.

Se a paciência estóica é uma paciência louca, a paciência interessada é uma paciência anti-social e mutilada.

Certamente é lícito e até obrigatório sofrer por qualquer bem honesto, pessoal ou social. Mas os bens terrenos, a que se dirige esta paciência, são limitados. A sua conquista em última análise não é senão uma permuta de posse, torna-se nosso o que era dos outros, é a luta pela vida. Ora luta e felicidade são termos em contraste. Dir-se-á: isto não é nada; venha a luta, abençoada seja ela, contanto que se consiga o que se pretende.

Mas não se vê o fracasso final?

Quando uma pessoa tivesse alcançado, sofrendo, a mais esplêndida carreira, quando se tivesse elevado com a sua carne ferida ao mais invejado heroísmo, quando mesmo tivesse salvado a pátria com o seu sacrifício, o fracasso está sempre à vista, no próprio limiar desses magníficos bens: eles acabam.

E, ainda que durassem eternamente para os outros, acabam para essas pessoas. A paciência nestes casos, é nulidade na própria causa do seu ser. Pode ela por ventura dar uma serenidade completa no sofrimento quando, por fim, se unifica o encontro catastrófico com a morte? E isto na melhor hipótese que o do êxito. Mas quando o êxito falhasse?

Quando, apesar de todo o nosso sofrimento, não houvésemos conquistado nada? Ou quando a conquista, apenas feita, nos fugisse das mãos ou nos fosse arrebatada e fosse preciso ficar com a nossa paciência dum lado e com nada do outro? Importa ter em linha de conta estas hipóteses.

E que vale então uma paciência que fosse baseada apenas na utilidade? Não é assim a paciência cristã. Os bens celestes, a que é dirigida, são ilimitados.

Conquistando-os não se arrebatam nada a ninguém, porque há abundância deles para todos. Esses são seguros como a esperança cristã, inacessíveis como a eternidade. A paciência que se apoia nestes bens é a única que pode tirar a tristeza e tornar-nos serenos, como mostram estas palavras infalíveis do Apóstolo: *“E nada o sofrer sobre a terra, se o confrontarmos com a glória futura”!*

Se a paciência estóica é uma insensatez e a paciência arrivista um desastre, a paciência cristã é um êxito felicíssimo. Mas com isto tudo não estamos senão no limiar daquilo que é a paciência cristã. A filosofia estóica soube aceitar a dor com uma resignação apática, a filosofia materialista, e portanto arrivista, soube sujeitá-la às suas conquistas terrenas. Mas nenhuma das duas filosofias se elevou a procurar e a transformar a própria causa da dor que é a culpa; antes, nem sequer a conhecem senão como um vício da natureza.

Só o cristianismo a pode conhecer e apresentar-nos o Redentor. Fazer sentir a dor a mais que a vingança, à expiação da culpa; apagada esta fazer da dor um mérito crescente, dar-lhe por isso um valor e um preço precisamente como tal, isto é, como dor; obrigá-la a repetir no campo moral o que sucede na natureza, isto é, que a morte seja a condição da vida e a condição da geração; elevar os pobres membros humanos doloridos a formar um só Corpo Místico com Cristo Deus; onde os nossos sofrimentos são também seus e as nossas chagas as suas chagas e fazer do Deus humanado e do homem como que um só todo que sofre, que expia, que morre em conjunto e que por fim é glorificado, eis a obra do cristianismo.

### **As acusações**

Duas acusações são feitas à paciência cristã mas não têm razão de ser.

A primeira é esta: *a paciência cristã é contra a natureza*. Não temos o direito e até o dever de nos rebelarmos contra a dor em vez de a tolerar?

Respondemos que temos o direito, não de nos revoltarmos, mas de afastarmos a dor, está bem. Assim, como temos o direito de legítima defesa quando somos agredidos, assim temos o direito de nos defendermos contra a doença e as desgraças de qualquer género. Aqui não é necessária a paciência mas a energia e às vezes a audácia. Mas quando as dores não se podem evitar, é necessária a paciência que tem o poder de transformar o mal em bem. Isto não é contra a natureza mas um auxílio à natureza.

Depois temos a responder que, se temos o direito de fazer curar a dor, não é verdade que tenhamos sempre o dever, excluído o dano de terceiros. Podemos aceitá-la por uma causa elevada, qual é por exemplo a da expiação e do mérito.

Então a paciência sobe mais alto e chama-se penitência a qual vai mais além da aceitação da dor e vai buscá-la voluntariamente ao Evangelho: *“Fazei penitência porque está próximo o reino de Deus”*.

Isto fez Jesus que se sacrificou porque quis, *oblatis quia voluit*, isto fizeram todos os Santos e mais especialmente aqueles que por antonomásia foram chamados penitentes.

E isto também não é contra a natureza mas acima da natureza.

A segunda é esta: a *paciência que se baseia nos bens celestes* não é também uma paciência interessada e apoiada no cálculo?

Esta acusação, é bem disparatada. Ninguém no mundo sob pena de renegar a sua natureza pode sofrer por sofrer e renunciar à sua felicidade final. Jesus teria proferido um absurdo se tivesse pregado: *“Bem-aventurados os pobres, os que choram, os que sofrem, porque são pobres, porque choram, porque sofrem... Disse antes que são bem-aventurados porque deles é o Reino dos Céus”*. É um cálculo? Mas embora seja vejamos de que cálculo se trata.

É o interesse supremo; é aquele que envolve a nossa eternidade e a que não se renuncia. Não é verdadeiramente um cálculo mas uma necessidade.

Dir-se-á melhor: é uma necessidade de amor. A própria felicidade eterna não é senão um abraço eterno de amor e está bem aqui toda a felicidade da paciência cristã. Mas mesmo antes, e nesta vida, quando a paciência não é senão um meio, não se creia que se sofre pacientemente só em vista do prémio; não; não; sofre-se serenamente porque se ama ardentemente. É o que diz Santo Agostinho: naquilo que se ama ou não nos cansamos ou amamos o próprio cansaço. *Labor amatum*. É assim mesmo. Houve

Santos que souberam até, só em teoria já se vê, prescindir de qualquer felicidade, não só terrena, mas também eterna, em nome deste amor: “Ou sofrer ou morrer”. E ainda: “Sofrer e não morrer”. E até: “Ao inferno com todos os seus tormentos mas não sem Vós, ó meu Deus!”.

Verdadeiramente a Bem-aventurança eterna encerra essencialmente o amor como a condenação eterna encerra o ódio; mas o santo pode considerar mentalmente o inferno só como tormento, separando-o do ódio, e a Bem-aventurança só como felicidade, separando-a do amor, e prescindir dela como um magnífico jogo mental.

Elevou-se assim ao mais alto e mais puro grau da paciência cristã.

Sofrer por Cristo e com Cristo, isto é, por seu amor, e unido ao seu amor, porque Ele sofreu por nós, para viver em união mística com uma cabeça que é o Rei dos Mártires, para lhe restituir alguma coisa do que sofreu por nós e finalmente para se unir eternamente com Ele, que alegria nesta paciência; que ardor em Lhe dar toda a compensação possível, em subir ao seu próprio calvário e exclamar, dando-Lhe mesmo a vida, o nosso: *Consummatum est!*

Como falar de cálculo e interesse, quando se trata pelo contrário da mais alta necessidade e quando essa mesma necessidade é como que sepultada sob uma avalanche de amor?

### **Os factores da paciência**

Nesta altura a linha divisória entre a paciência cristã e a paciência mundana parece bem nítida. É estabelecida pelo fim. Sofrer pelo céu é paciência cristã, sofrer pela terra é paciência mundana. Tudo depende de um bater de asas para o alto.

Vejam os factores da paciência que são em parte naturais e em parte sobrenaturais. Da parte da natureza primeiro que tudo o equilíbrio psíquico. Não se diga que os verdadeiros pacientes são os insensíveis à dor, pois não há virtude sem esforço, e o esforço é tanto menor quanto mais baixo é o nível da sua sensibilidade.

As pessoas obtusas de nervos estão, portanto, fora da verdadeira paciência por defeito; os hiper-sensíveis estão fora dela por excesso. Os nervosos, os insensíveis, os neurasténicos dificilmente poderão ser pacientes, porque não conseguirão dominar-se, e mesmo que conseguissem isso normalmente, estariam sempre sujeitos a momentos de surpresa em que sairão dos eixos.

A pessoa idealmente feita para a paciência é a *equilibrada*; *sensível* mas não ultrasensível, *delicada* mas não intratável, *apaixonada* mas não degenerada, *nervosa* mas não histérica. Essa será paciente porque normalmente saberá dominar-se e, quanto aos choques imprevistos, saberá preparar-se para eles, visto que a sua paciência é verdadeiramente virtuosa, porque querida e consciente.

Ao equilíbrio deve estar unida uma certa firmeza intelectual. É fácil vê-lo nos vários actos de paciência. A paciência exercitada com os outros na quase totalidade dos casos não é senão uma forma de compaixão. Aqueles que têm a inteligência aberta e aguda sabem penetrar nas causas da maldade, sabem que quase sempre se trata mais de fragilidade que de malícia, e têm paciência porque têm compaixão. Se se trata de sofrimentos próprios sabem ver a sua conexão com a Providência e portanto com a expiação e com o mérito e mesmo com as leis físicas, económicas, sociais e morais da vida; reconhecem na dor uma mestra e um estimulante para a virtude e têm paciência em nome desta magnífica compensação superior.

Nas desgraças naturais compreendem o jogo e a acção das causas segundas que seguem o seu curso, a nossa impotência em mudá-lo e persuadem-se de que em muitos casos é melhor fazer da necessidade virtude. Numa ordem superior, compreendem a acção divina oculta por traz dos acontecimentos humanos e resignam-se consciente e religiosamente.

Mas acima de todos estes factores, coloquemos os factores sobrenaturais. A graça não suprime a natureza, mas exalta-a e muitas vezes substitui-a. Ela dá ao neurasténico a calma, ao fraco a energia, ao tímido a audácia, ao colérico a doçura; transforma ou pelo menos tempera os caracteres excitando os fracos e moderando os fogosos. *In patientia vestra possidebitis animas vestras*<sup>1</sup>. E esta a obra especial reservada ao Espírito Santo. A graça não só sabe mudar e temperar o carácter mas substitui a própria inteligência natural.

Há para a pessoa religiosa um grande livro muito popular e de leitura muito fácil que ensina a paciência: é o *Crucifixo*, e há uma grande máxima, que todos compreendem, e que ensina o seu valor: *é a máxima de que para ir para o céu é necessário levar a própria cruz*.

Vejamos, pois, como a paciência depende de um conjunto de factores que são em

---

<sup>1</sup> Cf. Lc.21,19

parte naturais e em parte sobrenaturais; e observemos como o factor sobrenatural tem um predomínio absoluto, como os substitui e os domina a todos, como pode mesmo estar sozinho e como pelo contrário os outros são impotentes sem ele.

Não basta que a paciência, como qualquer outra acção moral, seja humana e honesta, é necessário que seja cristã; e este título resume, absorve e eleva os outros dois.

### **A prática e os efeitos da paciência**

A prática é variadíssima. Podemos dividi-la nas suas relações *connosco*, com a *natureza*, com os *outros* e com *Deus*.

Primeiro, *connosco*. Parece que há em nós uma espécie de dualismo; o homem bom e o mau, o velho e o novo Adão. Quando Jesus disse: Patientiam agite! alude ao facto de não devermos perdoar à nossa natureza má. É preciso que a parte honesta reaja contra a desonesta, que a razão se eleve contra a paixão, é preciso, numa palavra, condenarmo-nos, reprendermo-nos, e até punirmo-nos pelas nossas más acções.

Mas quando o Eclesiástico diz: “*Tem piedade de ti mesmo*” indica-nos uma discrição salutar, ensina-nos que devemos também ter compaixão de nós e ter paciência nos nossos defeitos; que, se devemos usar de violência para *connosco*, não deve essa violência resolver-se numa fúria, que a vida purgativa é longa, que não devemos abater-nos e muito menos desesperar e que a melhor táctica para nos aperfeiçoarmos é a de nos humilharmos, de nos levantarmos a cada queda, com uma paciência e uma longanimidade tanto maior quanto mais difíceis e mais longos são o caminho e a meta.

Nas dores físicas, nos desastres económicos, nas desgraças, etc, não é de modo nenhum proibido procurar um conforto e um remédio; não se deve confundir a paciência com a indiferença.

Quando, porém, os remédios não dão resultado, ofereçamos a Deus o nosso sofrimento.

Segundo, com a *natureza*. Nos desastres naturais (incêndios, inundações, terremotos, contágios, etc.) vejamos também a acção das causas segundas, mas por traz delas a mão de Deus que, sobre as asas dos ventos e das tempestades, desce a punir os homens pelas suas culpas.

Quando formos impotentes para nos defendermos, resignemo-nos cristãmente, afastando-nos por igual do cinismo e do fatalismo.

Terceiro, com os *outros*. Aqui é que se vê a força da virtude. Teremos que lidar muitas vezes com pessoas chamadas molestas. São por assim dizer as melgas e as moscas da vida personificadas: os maçadores, os rudes, os histéricos, os teimosos, os presunçosos e sobretudo a grande categoria dos malignos e dos malignantes.

Com estes não é de aconselhar uma paciência que seja uma total aquiescência, mas uma paciência criteriosa, isto é, composta de três elementos: *compaixão*, *tolerância* e *energia*, elementos que raras vezes se encontram, separados.

Deparamos, muito, com efeito de que compadecer-nos, porque se trata em grande parte de deficiências físicas, muito que tolerar porque muitos são incorrigíveis e muito que fazer quanto aos que se podem corrigir.

Quarto, com *Deus*. Só impropriamente é que se pode dizer que devemos ter paciência com Deus. No fim de contas esta paciência não é senão a conformidade com a vontade de Deus. Nem sempre Deus se aproxima de nós com a consolação, mas às vezes com a cruz, outras vezes com a aridez. Será preciso aceitá-Lo como se apresenta. É, porém, sempre Deus que derruba e levanta, que aflige e que consola.

Às vezes Ele finge que nos abandona, porque lhe agrada ser procurado e encontrado. E então devemos procurá-Lo pacientemente, como fez a esposa dos sagrados cânticos. Quereríamos ser atendidos imediatamente, quereríamos sentir a sua Mão acariciadora e quase que ditar-lhe a maneira como nos havia de tratar.

É preciso deixar operar a sua sabedoria divina que, mesmo quando não nos faz a vontade, é dirigida ao nosso bem.

Às vezes suceder-nos-á que, embora querendo conformar-nos com a sua santa vontade, essa vontade não nos aparece tão clara como quereríamos; devemos meditar, aconselhar-nos, orar, para a conhecermos, numa palavra, exercitar uma certa paciência. Mas, se formos humildes e dóceis, a nossa paciência será abundantemente premiada. Tenhamos por norma que toda a ascética cristã se reduz a fazer a vontade de Deus e que precisamente por isso Jesus colocou esta petição no meio do Pai Nosso<sup>2</sup> *Fiat*.

### **A profunda e real beleza da paciência**

A história da paciência está viva e encontra-se escrita com caracteres indeléveis na vida dos mártires, dos santos, dos penitentes, e de toda a Igreja que sofre, combate e ora,

---

<sup>2</sup> Cf. Mt.6,9

e é o espectáculo mais comovente que a humanidade nos pode oferecer. É preciso vê-la dolorosa e resignada no leito de um hospital, magra e macilenta no tugúrio do pobre, consternada numa casa onde a mãe perdeu um filho; tristemente encostada aos ferrolhos de uma prisão, banhada de suor no fundo de uma mina onde o excesso de trabalho mistura as suas lágrimas com o veio de água que brota da rocha. Vejamos como passeia lacrimosa e forte sobre as rumas dos terremotos e dos incêndios, como fazer erguer para Deus a cabeça curvada ao golpe da desventura e como estremece de uma alegria inefável na carne martirizada, no olhar e na palavra do mártir!

E se a pudéssemos ver no íntimo da alma oprimida por dores morais, esbofeteada pela calúnia, privada das mais caras esperanças, esmagada sob o peso da ingratidão, do abandono, da traição e contudo resignada! Espectáculo maravilhoso!

E que são então as forças activas da criação em confronto com esta potência que suscita a vida do meio das cinzas, que sabe fazer brilhar um sorriso entre as lágrimas, que esparge de flores os esquifes e os túmulos, que lança na desventura um pensamento que a transforma e a muda num mérito e liga as almas à caridade de Cristo com uma corrente tão forte que a angústia, a fome, a nudez, as perseguições e a própria morte não poderão jamais parti-la? Quantas cátedras não foram levantadas para ensinar a agir; velhas cátedras, ora desacreditadas, donde o mestre via os discípulos enfurecerem-se uns contra os outros pela existência?

Jesus é o primeiro que ergue esta cátedra nova onde se ensina a ciência de sofrer. As suas lições são tão profundas quanto são belas. Profundas! Sim. Atingem as origens e as finalidades supremas da vida. Se é elevada a condição de quem suporta os males presentes pelos bens presentes, sublime é a daquele que os suporta pelos bens celestes.

Quer dizer que a paciência cristã é a mais alta manifestação da nossa espiritualidade como também da nossa sobrenaturalidade.

Numa ascensão incessante Deus e o homem por meio dela se confundem como princípio e como termo. Se os sacramentos nos unem a Cristo Glorioso, ela une-nos a Cristo padecente, pregando-nos na mesma cruz.

Tem quase os títulos e cria as relações de uma espécie de oitavo sacramento; um matrimónio místico, em que a esposa reparte com o esposo não só as alegrias mas principalmente as dores, com a vida inteira. A paciência é assim o complemento das uniões sacramentais e por ela se pode dizer verdadeiramente: *“Não sou eu que vivo é*

*Cristo que vive em mim”.*

Por isso a paciência é a virtude que, se no céu fosse possível a inveja, nos invejariam os Bem aventurados que, tendo chegado ao termo, já não têm mais que subir.

E é por isso mesmo que temos ouvido os Santos desejar enfaticamente não morrer para a exercitar ainda e elevar-se mais. Esta paciência é também uma beleza. Onde é que Jesus foi mais belo? Na Cruz ou no Tabor? Duas belezas diversas; mas a do Tabor é a do Homem-Deus glorificado, a da Cruz é a beleza do Homem-Deus paciente. Ora foi por esta segunda beleza que Ele fascinou o mundo, muito mais que pela glória.

Pois bem; também a nossa alma subirá à glória e será bela; mas não menos bela aqui, quando cristãmente paciente, for exaltada da terra, sobre a própria cruz e posta em comunhão com a mesma fascinação.

Beleza real! A paciência real de Cristo tem por trono um patíbulo, por coroa um feixe de espinhos, por ceptro uma cana, por púrpura um farrapo e finalmente como insígnia uma tabela em que está escrito: Jesus Nazareno Rei dos Judeus.

E vejamos! Um cortejo ensanguentado de mártires e penitentes o segue; e todos são assim, porque a própria inocência não se conserva senão à custa de um sofrimento. E é bem esta a beleza do grande e vivo Corpo Místico de que Cristo é a Cabeça e todos nós os membros, conjuntamente doloridos, na sua viagem histórica.

E o magnífico espectáculo descrito por Santo Agostinho na Cidade de Deus, posto em comparação, página por página, com o triste espectáculo, oferecido pelos chamados felizes do mundo.

Questão importante. A paciência da pobre mulher doente que sofre ser escarnecida nas suas devoções é de marca superior à paciência de César ou de Napoleão que as marchas forçadas e com noites sem dormir preparam as suas conquistas. Os pulmões do mais humilde cristão são cem vezes mais amplos que os pulmões de qualquer herói pagão, tanto quanto o ar da montanha é mais puro que o ar da mais extensa lagoa.

Não! Não há comparação entre a vã beleza da paciência estóica, a beleza servil da paciência arrivista, e a beleza real da paciência cristã.

E a beleza da estátua unida à graça do movimento.

## V. CAUTELA

Aquilo que é a profilaxia na higiene, a válvula de segurança em mecânica, o pára-raios na física é a cautela para a moralidade. Se se pensar que a maior parte dos danos fisiológicos, como as doenças, económicos como os revezes da fortuna, físicas como a explosão duma polvoraria, sociais como as desgraças, morais, como as culpas, são devidas em grande parte à falta de cautela, compreender-se-á quão importante seja o estudo desta matéria. Falamos apenas, como é claro, da cautela moral.

### **As razões da cautela**

Primeira razão: *o preceito de Cristo.*

Jesus ensinou-nos: “*Sede prudentes como a serpente*”! Narrou-nos a parábola das virgens loucas, que não fizeram a provisão do azeite suficiente para a vigília, e o exemplo daquele chefe militar que, vendo-se inferior em forças ao inimigo, pede cautelosamente a paz, em vez de se aventurar à sorte das armas. O Espírito Santo adverte: “*quem ama o perigo perecerá nele*”!

Segunda razão: *A extensão, as ilusões e a gravidade do mal.*

O mal encontra-se em toda a parte, passeia com os vestidos curtos e decotados das mulheres, espreita aliciado das montras dos estabelecimentos, estadeia-se nos quiosques da imprensa, exhibe-se abertamente nos teatros e nos cinemas, nas salas, nos lugares de reunião pública, introduz-se furtivamente no seio das famílias e até nas igrejas, nas sacristias e até nas casas religiosas. Todavia se o mal se apresentasse como é, isto é, no horror do seu aspecto e armado visivelmente de todas as suas ameaças, seria bem pouco perigoso. Não há ninguém que faça o mal pelo mal. Quem é que dirá que o ladrão rouba por amor do cárcere, que o glutão abusa da comida e da bebida pela indigestão e o devasso pelo hospital?

Mas o mal a triste sagacidade de se misturar com o bem e até de se apresentar disfarçado como tal e é isso que constitui a sua fascinação. Ele canta a sua vênus beleza em todos os tons, exalta ao som de trombeta a sua honestidade e os seus benefícios, assume as aparências gentis da arte e os reveses da ciência e da virtude. Fala em nome da conveniência, da dignidade, da necessidade e até da pátria, da família e de Deus, e põe

muitas vezes as suas pérfidas insinuações nos lábios das pessoas que nos são caras e em quem temos a maior confiança.

Faz ainda pior; torce e interpreta em seu favor as próprias acções da moralidade, a soberba torna-se dignidade e decoro, a avareza economia, a luxúria uma necessidade, a vingança justiça, a inveja emulação, a gula o cuidado exagerado da saúde e a ociosidade um dever de conservação.

Perante tais insídias viu-se muitas vezes desmoronarem-se as virtudes mais sólidas e árvores anosas serem arrastadas como arbustos.

Terceira razão: *As nossas paixões.*

Todavia a bem escasso êxito chegaria o perigo do mal onde não encontrasse um aliado na nossa paixão.

É supérfluo dizer que todos temos as nossas paixões e entre todas uma especial, que se chama predominante, que constitui o fundo mais verdadeiro do nosso carácter e é a mola de todos os nossos desejos, a agitadora dos nossos sentidos, aquela que perturba, arrasta e exalta a nossa razão e nos dá o impulso para as mais perversas como para as mais heróicas acções.

Mas como a palha e não a pedra se inflama com o lume, como para fazer uma combinação química são necessários elementos que convenham na mesma mistura, assim para que o mal constitua um verdadeiro perigo, é preciso que haja uma afinidade entre a paixão e o próprio mal. Um avarento não seria impressionado por uma tentação de gula, nem um sensual por uma tentação de ouro. Mas quando se dá o caso de a paixão ser da mesma natureza e do mesmo tipo do mal que se apresenta a seduzir-nos então verdadeiramente o perigo se torna fatal.

Quarta razão: *A nossa fragilidade.*

A estas razões é preciso acrescentar a escassa força de resistência que se encontra em muitos. É um facto, que ao lado dos resolutos, dos fortes, dos tenazes, há os abúlicos, os hesitantes, os impotentes e até os vis. Deficiência esta que é constituída por diversos factores, primeiro que tudo por uma fraqueza nativa da vontade, depois pela ignorância, pela inconsciência ou ao menos pela irreflexão, pela preguiça, mas sobretudo pelo hábito de ceder ao mal, hábito que dá à vontade uma força às avessas, isto é, a deixar-se bater em vez de lutar e vencer. Se os perigos do mal são tantos e tão insidiosos, se os seus aliados estão dentro de nós mesmos, e se tão deficientes são

muitas vezes as nossas forças de resistência e de inibição, veja-se quanta cautela é necessária para não cair. A nossa virtude esta encerrada num vaso de barro, e devemos caminhar no meio de tantos vasos de ferro; não será decerto o vaso de ferro que será feito em cacos mas sim o vaso de barro.

### **As leis da cautela**

É só uma: deve ser proporcionada ao perigo. Portanto não deve ser descurada, mas também não é preciso exagerar. Se o perigo do mal, ou pela sua próxima ameaça, ou pela nossa experimentada fraqueza, constitui para nós uma ocasião moralmente certa de ceder, então vem a propósito o provérbio: “*Afrontar o perigo é temeridade; fugir dele é prudência*”. Fugamos sem nos aventurarmos ao encontro total.

Mas, se se trata de um perigo remoto, ou mesmo próximo, ao qual se opõe, porém, o nosso carácter e as nossas inclinações, e nós nos sentimos firmes, e sabemos, mesmo pela experiência do passado, que não seremos arrastados, então, em vez de fugir dele, é aceitar a batalha, vencê-lo à força e forçá-lo a transformar-se em mérito.

E vem neste caso a propósito outro provérbio: “*afrontar o perigo é próprio dos fortes, fugir dele é próprio dos vis*”. Estas duas tácticas resultam claríssimas do exemplo daquele capitão de quem falou Nosso Senhor. Ele pediu a paz evitando a batalha, porque se reconheceu inferior. Está implícito neste exemplo que se se tivesse reconhecido superior, teria combatido.

Mas se se trata de fuga ou de resistência, é bastante interessante estudar quais são os meios postos nas nossas mãos.

### **Os meios da cautela**

Um número bastante apreciável de outros pequenos dotes auxiliam a cautela. Vamos ver os principais:

A *perspicácia* para olhar de frente o mal, as suas ilusões, as suas surpresas, os seus danos, e a sua fragilidade; a memória que nos mostra a experiência do passado, isto é, das vitórias, das derrotas e das causas dumas e doutras;

A *docilidade* para aproveitar as lições dadas pela experiência alheia;

O *treino*, isto é, o exercício repetido em resistir ao mal ou em o evitar;

A *atenção* para nos conservarmos presentes a nós mesmos e às nossas acções;

A *vigilância* para nos advertir do perigo;

A *reflexão* para o avaliarmos;

A *circunspecção* para notar as circunstâncias que possam influir sobre a sua gravidade e sobre a nossa força de resistência;

A *intuição*, isto é, aquele golpe de vista e de acção que organiza rapidamente a defesa nas surpresas, isto é, quando falta o tempo de a preparar;

Finalmente e sobretudo a *oração* e o uso dos *sacramentos* para ter no perigo a graça de Deus.

Entre tantos meios há dois que merecem uma palavra de explicação: a *atenção* e o *treino*.

### A *atenção*

De que serve a força a um leão desatento? Será vítima do mais vil ataque. De que serve a nossa força moral sem a atenção? Atenção, pois, aos nossos passos. Uma estrada conduz a um encontro mundano, outra a uma reunião mundana, etc. Informemo-nos antes de acompanharmos uma pessoa, antes de aceitarmos um convite. Devemos saber onde vamos, quem recebemos e com quem tratamos.

Não confiemos nas palavras que às vezes nos enganam, nem tão pouco nas aparências. Quantas vezes títulos pomposos e etiquetas de luxo escondem mercadorias avariadas! Não concedamos a nossa estima e muito menos a nossa confiança senão a poucas pessoas e pessoas bem conhecidas. Não nos liguemos com promessas que não podemos manter.

Nas conversas reparemos naquilo que dizemos; não nos abramos com todos, não façamos juízos infundados, não nos metamos na corrente da malignidade alheia.

É lisonjeiro ouvir um louvor e amargo receber uma repreensão. Não nos envaideçamos com o louvor nem nos deixemos abater com a repreensão. Pensemos antes em nos tornarmos melhores para sermos dignos do louvor e para não merecermos censura! Guardemos o coração das afeições desordenadas.

Tenhamos cuidado com as conversas ou com a correspondência de pessoas ilustradas, não suceda cairmos nalgum erro ou preconceito que façam insinuar no nosso espírito. Pode ser atraente, agradável a leitura dum livro, duma revista, dum jornal, mas pode conter veneno, pode dar-nos uma orientação errada, pode perturbar-nos a imaginação e levar-nos à dissipação. Não nos deixemos dominar nunca pela

impaciência ou pela cólera.

Tenhamos sempre presente que o inimigo mais perigoso está dentro de nós.

Vigiemos, pois, os nossos movimentos interiores. Nós devemos saber distinguir a voz da paixão da voz da consciência, o pretexto da nossa razão, a ilusão da realidade, o preconceito do juízo, a avareza do espírito de economia, a subserviência da humildade, o orgulho da dignidade, a transigência da bondade, a represália da justiça, a sensualidade da sensibilidade, a tentação da inspiração, a temeridade da coragem. Somos tão hábeis em julgar os outros e tão pouco aptos para nos compreendermos a nós mesmos.

Não devemos viver assim, sem sabermos quem somos, nem aonde vamos, nem com quem tratamos, com o risco de nos deixarmos apanhar no primeiro laço como um tordo na rede ou um peixe no anzol.

### ***O treino***

É muito preciso o treino. A educação física não se faz passando a vida na cama. O comércio não se faz, como disse Nosso Senhor, escondendo o talento. A experiência ensina que aqueles que desde a infância têm estado fechados numa vitrina, numa redoma, contra os danos do mau tempo, a primeira vez que saíram apanharam uma pneumonia. Rapazes e jovens conservados ciosamente afastados e até ignorantes de todo o perigo mundano, foram arrastados no primeiro assalto.

A lebre que sentiu várias vezes sibilar a bala por cima da sua cabeça, dificilmente se tornará presa do caçador, mas o lebracho, desconhecedor da pólvora e do chumbo, cairá mesmo diante dum caçador pouco exercitado ou pouco hábil. Que fuçamos ou que afrontemos ou que superemos o perigo é sempre jogo de força. É por isso boa norma pedagógica que nos exercitemos.

Note-se, porém, que o exercício não se faz no campo da luta, mas antes. Quem esperasse treinar-se para evitar o perigo no próprio perigo, faria como o pugilista que se exercitasse no jogo de boxe numa partida de campeonato. Habitue-mos em particular, isto é, antes do perigo e fora do perigo, a vencer as nossas vontades, a mortificar-nos a nós mesmos, a recusar-nos a satisfação de caprichos ainda que inocentes, a guardar bem o silêncio, a impor-nos uma penitência em cada falta que cometamos; mas sobretudo a vigiar e a dominar a nossa fantasia e o nosso pensamento, para o dirigirmos para onde quisermos e para o distrairmos daquilo que não queremos ou não devemos pensar.

Assim fazendo, recolheremos uma dotação magnífica de forças morais e ser-nos-á fácil a manobra e a vitória na hora do perigo. Se encontrarmos perigos, já estamos armados; nem a tentação será superior às nossas forças, treinados pelo exercício e valorizados pela força. A luta que teremos de sustentar connosco para fugirmos, ou com o perigo para o vencermos, é ela mesmo um treino e a vitória de hoje torna-nos mais seguros para amanhã. Os violentos arrebatam o céu, porque neste caso a violência é virtude, a virtude é mérito, o mérito é glória.

### **As contrafacções ou falsificações da cautela**

Mas acautelemo-nos de confundir a cautela cristã com a sua condenada contrafacção que é a prudência mundana. Há uma cautela puramente carnal como a que toma precauções contra o vício, por causa do código penal, da desonra, por perda de carreira, etc., e até para encobrir o delito e cometê-lo com mais segurança. O nome que convém a esta tática não é o de cautela mas o de manha e astúcia. Todos os astutos e todos os manhosos de profissão são cautelosos, não propriamente para evitar o mal, mas para o fazer sem dano. E é de ver como nestes casos a prudência mundana macaqueia a prudência cristã. Como sabe treinar-se com o exercício nas suas tristes empresas, como se arma também de atenções, de vigilância, de circunspecção, de habilidade, e como no fazer o mal sabe evitar dizê-lo, antes sabe rodeá-lo das mais certas e honestas palavras.

Até o demónio costuma citar os textos sagrados para mascarar as suas seduções e bem o fez com Nosso Senhor. É uma habilidade que o homem tem de comum com o gato e o tigre, juntando-lhe a firmeza da sua inteligência, pondo assim o anjo ao serviço do animal. Persuadamo-nos de que nenhuma astúcia e nenhuma manha poderá jamais substituir a simplicidade, a rectidão e os benefícios da cautela cristã. Persuadamo-nos de que a cautela mundana não é senão uma triste adulteração da cautela cristã, tão fictícia quanto prejudicial, porque os chamados manhosos não fazem senão tecer a rede em que hão-de ser apanhados. Persuadamo-nos enfim de que conhecer o mal cristãmente quer dizer evitá-lo, conhecê-lo mundanamente quer dizer querê-lo, que evitá-lo mundanamente é hipocrisia, evitá-lo cristãmente é virtude, que praticar o mal no cristão é fragilidade, no mundano é malícia e que sabê-lo encobrir para evitar o prejuízo que ele causa é manha, é astúcia; saber evitar o mal por causa dele mesmo é cautela.

## VI. DOCILIDADE

Vamos tratar de uma virtude que é a mais perigosa de todas, por ser aquela que, por um lado se presta aos mais hábeis fingimentos, até mascarar a traição, e por outro pode descer ao nível mais baixo do servilismo, até se transformar numa supressão pessoal.

Se consideramos a derivação latina desta palavra, e a vemos provir do verbo *docere*, devemos dizer para docilidade é o mesmo que *docilidade* e por isso uma pequena virtude filha da prudência enquanto nos ensina a não confiar no nosso próprio juízo e na nossa própria ciência, e a deixarmo-nos instruir.

Se pelo contrário olharmos ao uso que se faz dela na nossa linguagem significa também *sujeição*, *submissão* e que pertence não só à prudência mas também à justiça e ensina-nos a deixarmo-nos guiar. Falemos agora desta última.

### **A docilidade que é sujeição**

A docilidade é a ausência daquilo que se chama o espírito de rebelião. É uma qualidade nativa. É distinta da obediência. A obediência é um acto; a docilidade é um estado, a obediência diz respeito a um dever, a docilidade a uma necessidade, a obediência é sempre uma forma de constrangimento, a docilidade é uma inclinação. É, pois, admirável sua extensão. Ultrapassa os limites do dever e estende-se também às coisas não necessárias.

Não só se adapta a uma ordem mas a uma simples sugestão, não só ao superior, mas ao conselheiro, e não só a aceita mas procura-a. Por isso, o obediente é precário, o dócil assíduo.

Esta extensão da docilidade que forma o seu valor constitui também o seu perigo. De facto a tendência do dócil é para se submeter a todos e em tudo. Isto é extremamente perigoso.

A nossa docilidade não deve suprimir os nossos poderes de observação e de exame quer acerca das pessoas a quem nos sujeitamos quer acerca das suas directivas, vinda das pessoas.

### **A quem devemos sujeitar-nos.**

Quanto à pessoa, de quem recebemos direcção ou orientação, devemos sempre indagar: tem ela o direito e as qualidades morais para o fazer?

Se tem direito, como o pai, a mãe, uma superiora, não podemos excluir a pessoa. Mas, se não se trata dessas pessoas, a escolha deve ser no nosso bem, e unicamente no nosso bem.

Há pessoas que são sugestionáveis e outras que são sugestionadoras. Existe entre umas e outras, em termos menores a mesma relação que entre o hipnotizado e o hipnotizador.

Quase sempre sucede que o dócil por natureza seja também um sugestionável e tenha por isso a tendência de se submeter àquele que, por uma afinidade de relação misteriosa, é o seu sugestionador. É necessário defendermo-nos contra esta fascinação que pode ser fonte de tantos males. Importa que o dócil saiba abstrair do império psíquico que uma pessoa pode exercer sobre ele para tomar como medida e como razão da sua submissão somente o bem.

Decerto este sair dos liames psíquicas para entrar só nos liames morais, é difícil; e é por isso que nunca é demais insistir nos perigos da docilidade. Talvez o melhor meio de os evitar seja a oração, invocando a luz e a força de Deus. E não só se deve atender a que a pessoa tenha as qualidades morais para nos dirigir, mas também, se se trata de superior eleito, a que seja só uma pessoa. O espírito de submissão não obriga a ouvir o parecer de todos e atender às directivas de todos. É claro que, ainda que houvesse várias vias paralelas para a mesma meta, não podíamos decidir-nos senão só por uma e que a unidade da directiva vem da unidade da pessoa que a dá.

### **Em que nos havemos de submeter**

A docilidade é uma virtude e uma virtude exige sempre actos deliberativos, e por isso não se deve chegar nunca até à passividade absoluta, à supressão das próprias energias pessoais, aliás a docilidade seria o mesmo que passividade cega, impotência e então..., adeus virtude!

Dócil não significa parvo, nem um discernimento, nem cobarde. Jesus não disse que devemos ser crianças, mas sim que devemos tornar-nos, fazer-nos crianças, isto é, conservar o cérebro de adultos inclinando-nos à sujeição como crianças.

### **As degenerações da docilidade**

Pode uma pessoa ser dócil por outros motivos e não para se tornar melhor; por exemplo, por medo, por interesse, por capricho e por outros fins inconfessáveis. Há um temor virtuoso e santo, como o temor reverencial do filho, e há um temor estulto que se chama medo e que é indigno de reger as nossas acções. Essa é a docilidade do escravo.

Há quem seja capaz de sacrificar ao serviço de outrem toda a sua vida pelos seus interesses.

Há quem seja dócil quando, onde e a quem lhe apraz. Caprichosos da docilidade, estes exigem que a ordem que lhes é dada esteja de acordo com as suas comodidades. “Eu sou dócil, dizia alguém, mas se me tocarem no meu fraco...”.

### **As vantagens da docilidade**

As vantagens desta pequena virtude são imensas. Primeiro que tudo, qualquer das nossas acções terá o valor de duas virtudes, uma própria do acto bom que fazemos e outra da docilidade em o praticar.

Depois, ela livra-nos de muitas dúvidas, de muitas ansiedades e embaraços. Abandonemo-nos docilmente a um guia reconhecido como seguro, quer dizer transferir para ele a nossa responsabilidade de maneira que podemos ficar tranquilos. E até duplamente tranquilos, porque encontramos uma dupla luz, a da nossa inteligência e a do espírito que nos dirige. Quando as duas luzes se sobrepõem no mesmo juízo, que mais é necessário para termos a certeza de não errar?

Perante Deus quanto não é bela e quanto admirada e premiada a humilde submissão a todos os seus decretos!

Vejam como foi recompensado o santo Job pelo seu “*o Senhor mo deu, o Senhor mo tirou*”, e como foi exaltada Nossa Senhora pelo seu “*eis a escrava do Senhor*”!

A docilidade é também uma virtude eminentemente social. Relativamente à Igreja é ela que faz o católico perfeito e mantém a unidade no povo cristão.

Relativamente aos poderes públicos, a nação torna-se uma grande sociedade de cooperação recíproca para o bem público.

Relativamente à família e às comunidades religiosas a docilidade é a melhor garantia de paz, de união, de concórdia, de bem estar e de felicidade.

## VII. AFABILIDADE

Que é a afabilidade? É a docilidade no falar.

Esta palavra vem do latim *affari*, falar a outros, é uma das muitas florescências da doçura cristã. É portanto a caridade perfeita. S. Francisco de Assis tornou-se célebre por esta virtude como o seu homónimo S. Francisco de Sales. Ele não conheceu os títulos, que indicam as distâncias sociais; talvez os detectasse, como se detecta uma sátira ou ao menos uma coisa artificial. Os seus apelativos indicam bondade e simplicidade e são tirados do vocabulário do coração: “*ovelhinha de Deus, irmão, irmã; o Senhor te dê a paz*”. A sua conversação, como se lê nas Florinhas, tem o sabor da mais esquisita gentileza. Os seus termos preferidos: a caridade, o amor, a compaixão, o perdão, a benevolência; o seu modo de se exprimir, de uma doçura que encanta. A legislação franciscana corresponde a este conceito: conservem os Terceiros recíproca benevolência. Os irmãos não julguem os outros, estejam sujeitos a todos; não litiguem entre si; levem e cantem a paz. Eu queria, diz ele, que os Ministros fossem dotados de tão grande benevolência que os delinquentes não receassem confiar-se ao seu afecto; inimigos dos vícios, médicos dos viciosos.

Em S. Francisco é fácil reconhecer Nosso Senhor; Jesus é o Cordeiro de Deus, o Príncipe da paz; não falará e não sairá da sua boca nenhuma repreensão; a sua voz será tão suave que não há-de ser ouvida fora do aposento onde fala; e por isso poderá chamar-se a si mesmo o mestre da afabilidade. “*Aprende de mim que sou manso e humilde de coração*”. Tanto assim que S. Paulo exclama: “*Eu vo-lo suplico em nome da doçura de Jesus!*”.

Afabilidade! Virtude divina que, medulando em duas a pronúncia mental do Pai, para o Verbo Eterno; que, formulando o diálogo mais afável que se lê na história das relações humano-divinas, qual é o do Arcanjo com Maria Santíssima, O gera para a vida mortal; virtude dos Bem-aventurados que enternecia de gentilezas de nós desconhecidas a conversação com os Anjos; que aqui, no pobre exílio, que faz tantos ferozes, representa o lema mais evidente da nossa descendência celeste, privilégio divino em quem o possui naturalmente, heroísmo em quem deve conquistá-lo, esplêndida pedra preciosa encastuada no anel das relações humanas; fio de ouro que entretece de

delicados recamos a grosseira tela da vida; porque é que a encontramos tão rara, quando a queremos tão frequente, e tão falsificada quando a queremos genuína? Porquê se não for isso: que é a virtude mais difícil e a virtude mais ambicionada. A sua caridade é índice da sua dificuldade e a sua frequente falsificação é índice do seu valor.

### **Os factores da afabilidade**

É preciso ir por meio da análise até ao fundo desta bela virtude; que vejamos conjuntamente os seus factores, os seus dotes e os seus efeitos. Os pressupostos da afabilidade são dois: a *natureza* e a *vontade*.

#### **1. A natureza**

Pode-se ser afável por temperamento. São de invejar até um certo ponto aquelas almas, aquelas queridas almas, que nascem fragrantas como as flores, mansas como as flores, inalteráveis como um raio de sol, sem fel, quase diria sem nervos e temperadas de maneira que não estão sujeitas a reacções. Parecesse que tais almas forjam no mesmo molde também o seu exterior: rostos compostos, lábios suaves, mãos delicadas, olhos benignos, voz doce, andamento pacato. Que felizes que elas são! Todos as estimam, as procuram, as louvam, e a sua passagem na vida é um sorriso. Só com o aproximarem-se elas dissipam as nuvens em torno de si; só com o olharem para nós já nos infundem uma calma querida e consoladora! se nos falam, sentimos passar uma mão de veludo sobre o nosso espírito. Não há nada a dizer a essas almas senão que sejam benditas, como o rosto de Deus sobre a terra. Mas quando a natureza madrasta falhasse, e a afabilidade devesse ser uma conquista, entra em função a vontade.

#### **2. A vontade**

Para as pessoas irritáveis o melhor método de serem afáveis é o de evitarem as ocasiões provocadoras. Em geral essas almas devem abster-se de pensar mal do próximo e por isso meditem muitas vezes sobre as misérias humanas para se compadecerem delas, conservarem tanto quanto possível a serenidade interior e para a obter tenham a consciência tranquila. Alimentem uma grande confiança em Deus, porque não há nada que dê mais paz, mais descanso à alma do que esta confiança. Renovar todos os dias o propósito de não se irritar, de calar ao primeiro rebate, de falar sempre num segundo

tempo, de não elevar nunca a voz e o gesto, de moderar o fogo e o ímpeto das reacções que se produzam, nutrir o espírito de ideias pacificadoras como a ideia da bondade inata; por último conservar um humilde sentimento de si mesmo e por isso considerar a maldade alheia para connosco como uma expiação e fazer disso tema de mérito; vencer todos os dias alguma aspereza, alguma dureza no trato com o próximo e formar assim o hábito de se dominar, são estes os fáceis segredos para se ser amável e afável.

### **O relativismo na afabilidade**

A palavra que reveste toda a afabilidade, que lhe dá a sua verdadeira forma e a modulação, e ao mesmo tempo a muda de amabilidade mundana numa virtude é a palavra: equanimidade.

A equanimidade interiormente é a igualdade do ânimo não subjugado pelas paixões e por isso a serenidade do juízo; exteriormente implica a imparcialidade das relações. Não admite preferências, nem privilégios, nem antipatias, nem simpatias, nem preconceitos, é dominada e moldada inteiramente pela verdade.

A equanimidade é o olho são, armado de uma lente nítida. Mas precisamente porque a equanimidade deve ser regulada pela verdade, é evidente que tem de estar unida com o que se chama o discernimento. Por isso não se há-de confundir a afabilidade com a passividade, e sobretudo o seu primeiro dote, que é a imparcialidade, com a uniformidade absoluta no modo de tratar. Isso seria o eco a que basta sugerir a palavra - bravo! para que a repita a todos, tanto a uma pessoa séria e digna como a um ladrão.

A afabilidade não é uma coisa mecânica mas espiritual, por isso eminentemente vital.

E o tacto social. E tem isto de comum com o tacto físico, material, que, assim como as polpas dos dedos dão o sentimento da aspereza ou da macieza dos objectos, da sua plasticidade ou da sua dureza, e portanto do modo de os manejar, assim o cérebro, apto a discernir, fornece-nos a consciência das qualidades psíquicas e morais das pessoas e do modo de as tratar. É pois um tanto intelectual sob cuja vigilante direcção trataremos a todos imparcialmente mas não igualmente.

A cada pessoa a sua medida; eis a afabilidade de aplicação.

Às vezes acharemos conveniente sermos brandos até em excesso, outras vezes

severos, outras ainda talvez ásperos, ríspidos; conforme nos indicar o sentimento da adaptação aos diferentes caracteres e às diferentes necessidades. Vejamos que Nosso Senhor nem sempre se mostrou brando. Mas quando açoitou os profanadores do templo ou atacou com palavras violentas os hipócritas, isto não foi nem era grosseria, foi a equanimidade que adaptava a atitude e as palavras ao bem daqueles em cuja presença se encontrava.

A afabilidade está para o próximo como a arte para a matéria, arte que actua sobre a matéria humana e por isso susceptível de múltiplas adaptações. Raras vezes uma bofetada produz melhor efeito que uma carícia, também algumas vezes uma carícia é mais prejudicial que uma bofetada, e uma palavra doce mais que uma descompostura. Talvez seja este o ponto mais difícil entre as leis da afabilidade, todavia pode restringir-se em tudo a uma fórmula simplicíssima: *“Olhar unicamente ao fim que é o bem”*.

Consideremos os deveres em que deveremos exercitar a afabilidade. Com as pessoas antipáticas e odiosas preparemos o espírito para a paciência e para o sacrifício.

Com as pessoas delicadas e gentis seja o nosso brio excedê-las em bondade.

Na correcção olhar só o bem da pessoa; não esqueçamos que se apanham mais moscas com um pouco de mel do que com muito vinagre.

No elogiar, no louvar, sejamos parcios; não há pior inimigo da afabilidade do que a adulação, a qual se deve considerar como uma afabilidade degenerada.

Não nos deixemos transportar de um entusiasmo excessivo por ninguém; em regra, o entusiasmo de hoje é descontado amanhã por uma ilusão amarga.

Nas ordens saibamos colocar-nos no lugar de quem deve obedecer, sem darmos por isso, a nossa ordem será tanto mais cheia de gentileza quanto o quereríamos em quem nos dá ordens a nós.

No obedecer tenhamos fixo o pensamento no mérito que alcançaremos e consideremos que uma obediência iracunda o prejudica.

Na conversação sejamos agradáveis, variados, desembaraçados e condescendentes quanto a verdade o comporta. Mas, se tivermos de nos opor à opinião de outrem, façamo-lo modestamente, sem o ar e o tom de um mestre, tendo em linha de conta a susceptibilidade de quem se vê contraditado e, o que é pior, talvez sem razão.

Não será mau que leiamos e aprendamos as regras da civilidade, as quais não é justo que as desprezemos no seu conjunto como coisa mundana. Há algumas óptimas e

respeitabilíssimas, que entraram por isso na prática de todas as pessoas de bom tom. Certas formas de agradecimento, de despedida, de desculpa, certas preferências oferecidas no sentar, no passar, no entrar; certas condescendências no ceder a palavra a outra pessoa; uma certa moderação e compostura na atitude, no andar, no gesticular, são verdadeiras leis de caridade cristã e de modéstia, e muitas vezes também de mortificação. Detestaremos, porém, a subserviência, a lisonja, a hipocrisia, os protestos de uma sujeição exagerada que são uma verdadeira sátira feita à dignidade humana de quem os faz e de quem é objecto deles.

### **Os efeitos da afabilidade**

Quanto aos efeitos, a afabilidade é de um poder maravilhoso para a conversão das almas; aquele poder que costuma chamar-se fascinação. É talvez entre as apologias da religião a mais impressionante. Se foi dito que a morte de Nosso Senhor apareceu mesmo externamente como a morte de um Deus, não foi decerto pelo facto de morrer, mas pelas palavras e pelos admiráveis silêncios que a acompanharam.

É uma fonte de méritos para a alma que a pratica, e isto sob dois pontos de vista; primeiro que tudo pela vigilância constante e pelas mortificações que custa, em segundo lugar porque a pessoa afável é a distribuidora da mais procurada e da mais rica das esmolas espirituais. A difusão do bem. Se fosse praticado por todos a terra converter-se-ia em Céu, onde a afabilidade recíproca é a segunda causa da felicidade eterna depois da visão beatífica.

### **O código da afabilidade**

1. Propor-se cada manhã Jesus por modelo, manso e humilde de Coração.
2. Ter o semblante sereno mesmo quando se está só.
3. Procurar pôr-se todas as manhãs na presença de Deus o que pode dar gosto aos outros.
4. Prever as ocasiões em que será preciso refrear o génio para estar pronto a fazê-lo.
5. Orientar as conversas no sentido de se mostrar compaixão dos defeitos e reconhecimento das boas qualidades dos outros.
6. Habituar-se ao vocabulário da afabilidade: a saudação, o sorriso num encontro, e as fórmulas da gentileza cristã.

**7.** Condescender com os outros em assuntos de opinião, ser indiferente na escolha do jogo, do divertimento, do passeio, da leitura, das comidas, etc., adaptando-se ao gosto dos outros.

**8.** Tornar amáveis as virtudes próprias, não fazendo pompa, alarde, ostentação delas, e sobretudo não humilhando aqueles que as não têm.

**9.** Não corrigir ninguém sem acrescentar uma palavra de bondade, de afabilidade.

**10.** Pedir desculpa sempre que se cometa alguma falta.

## VIII. FERVOR

O fervor é o elevador e o acelerador de todas as energias e por isso fica bem tratar deles nesta altura depois de termos falado de outras energias da alma, isto é, de outras virtudes. S. Basílio define o fervor: *“Um desejo veemente, estável e constante de agradar a Deus”*. É esta a sua definição clássica.

É um desejo. Isto é essencial ao fervor, como à mola é essencial a tensão. É um desejo veemente. Jesus chamou-lhe uma espécie de urgência espiritual; S. Paulo uma efervescência, Jeremias um fogo que se expande e alastra. É porém um desejo não só veemente mas operante. Do mesmo modo que na mola à tensão se segue o impulso, ao desejo seguir-se-á o movimento. Mas, se o desejo deve ser operante, o movimento pode ser vários.

Às vezes é uma corrida veloz. Mas outras vezes é o pouco, contanto que seja avante e sem se voltar para trás. Esquecendo, diz S. Paulo, o que está atrás de mim, olho ao futuro!

Que se precipite como o raio, ou caia em largas fitas como a neve, que prorrompa como um vulcão ou que se eleve como um jacto de água fresca, que arda como um incêndio ou como a lenta acha do Natal, que se detenha para meditar o seu caminho ou que se lance nele sem pensar, que seja alegre e sorridente como um campo florido ou triste como um campo devastado pela tempestade, o fervor é sempre fervor contanto que permaneça intacto aquilo que constitui a sua essência, isto é, o desejo ardente de agradar a Deus.

Ardente, mas estável e constante. A terra que gira em torno do sol sem jamais se precipitar nele, mas com uma ânsia incansável; a rocha que precipitada do alto do monte, bate no fundo e aí fica, mas fica com uma pressão incessante; o vapor que, de válvulas fechadas, faz pressão comprimida sobre as paredes da caldeira, é a expressão da constância e da estabilidade do fervor; tanto quanto a sua corrida e o seu ímpeto são as expressões da sua veemência.

S. Francisco que beija a chaga do leproso, o quadragésimo mártir que se lança impetuosamente no tanque gelado, a mãe dos Macabeus que exorta os filhos a olhar para o céu durante o terrível morticínio, S. Luís que passa sobre a neve derretendo-a e S.

Pedro, mártir que morre cantando o Credo e Garcia Moreno, Presidente da República do Equador que cai sob o punhal exclamando: “*Deus não morre! e tantos, tantos, a que podemos chamar os violentos da acção que arrebatam o Céu, todos eles são o fervor*”.

Mas Santo Estanislau Kostka que não faz outra coisa senão cumprir a regra, Santa Teresa de Jesus nos dias da sua aridez espiritual, Santa Maria Madalena que, sentada no chão, ouve as lições do Divino Mestre, enfim, Santa Teresa do Menino Jesus trilhando o pequeno caminho da vida espiritual, e todos os Santos, no período da sua vida oculta, preparação tácita para a actividade apostólica, são também eles o fervor.

E eis a meta: agradar a Deus. De caso pensado S. Basílio não diz: de servir a Deus, mas de lhe agradar. Servir é o meio, agradar é o fim. E visto que o fervoroso se distingue do pedante, cuja preocupação está no meio, isto é, no cumprir a lei.

O fervoroso tem, por assim dizer, as características de quem está dominado por uma ideia fixa. Tem assim no espírito a meta que não tem a preocupação do caminho; certamente não tem na mão o cronómetro para o medir, não se volta para trás a reparar no passo de quem o segue; não ouve o estrépito mundano, as tentações tocam-lhe apenas ao de leve, parece sozinho com o seu desejo ardente, tornado o polo magnético, para o qual se volta a agulha de todos os seus desejos.

Entenderemos isto melhor descrevendo os falsos fervores.

### **Os falsos fervores**

#### **1. *O fervor diminuído***

Não é uma vontade, mas uma veleidade. Não é um desejo veemente mas um piedoso desejo, semelhante àquelas correntes eléctricas às quais falta a tensão e que dão uma luz roxa. O fervor diminuído é um fervor prestes a esfacelar-se, a desfazer-se, a desaparecer; ao primeiro choque dissipa-se como por encanto. É um desastre.

#### **2. *O fervor puramente sensível***

Afasta-se do seu fim que é agradar a Deus. De facto, não vai em busca de Deus, mas das suas alegrias. Não é a alegria mas a dor que prova os amigos. Se pertencemos ao número daquelas almas que são fervorosas com a condição de serem embaladas e acariciadas, envergonhemo-nos. Não amamos senão a nós mesmos.

#### **3. *O fervor histórico***

A ocupação destes espíritos desgraçados é a de se excitarem com uma espécie de

massagem psíquica, violentando o sistema nervoso até uma forma de paroxismo e de provocar maiores emoções com os loucos devaneios dos seus sonhos. Não é um fervor, mas um delírio.

#### *4. O fervor formalístico*

Confunde o meio com o fim. Julga que o fervor é constituído pela regularidade mecânica dos actos e faz da alma um relógio. Se ao menos o relógio andasse certo!... Mas o formalismo tem também um longínquo sabor a superstição; liga-se ao número, à medida, ao horário, em vez de se ligar a Deus. Degenera além disso facilmente em farisaísmo, dando importância às roupagens em vez de a dar à alma das acções.

#### *5. O fervor interesseiro*

Há pessoas que têm grandes razões para serem fervorosas: um doente a curar, uma demanda a ganhar, um revés da fortuna a reparar, um emprego, uma colocação a obter, etc. Então promessas sobre promessas, confissões, comunhões, orações. O doente morre, a demanda perde-se, o emprego é dado a outro, adeus fervor! Deus torna-se um (?) ou ao menos um impotente.

#### *6. O fervor mutilado*

Vejamos um mutilado. Falta-lhe um braço, um pé, um olho. Tem o outro olho, tem o outro pé, mas é mutilado. Há também destes mutilados entre os chamados fervorosos. Por exemplo fervorosos na oração vocal, e de modo nenhum na mental, bons na Igreja e ruins em casa, zelosos da honra de Deus e inimigos da do próximo; ai se têm de ficar um domingo sem comunhão, mas na segunda feira engolem um pecado qualquer, como se nada fosse.

#### *7. O fervor intermitente*

O fervor intermitente muda como a lua; dias de inércia sucedem-se a dias de actividade; a um grande zelo, a grande piedade, seguem-se períodos de inacção em que não se faz nada. Não é um fervoroso, é um caprichoso; não quer aquilo que Deus quer, mas, vice-versa. Deus é que há-de acomodar-se às suas conveniências; obedece ao barómetro em vez de obedecer à consciência. A causa mais frequente de tais marés-altas e baixas é a falta de discrição; sob a tensão excessiva não se pode continuar, o arco demasiadamente retesado parte-se. Isto sucede aos neo-convertidos a princípio irreprimíveis e insaciáveis e depois destinados a cair exaustos.

## 8. O Fervor exagerado

Torna-se ridículo, grotesco, como o de S. Pedro que queria que Nosso Senhor lhe lavasse também a cabeça. O fervor é a proporção; não admite excessos nem defeitos. O excesso e o defeito anula-o. É como a verdade, todo o exagero e toda a deficiência a fere.

### **Como se adquire e como se perde o fervor.**

O fervor é essencialmente um dom de Deus ao qual corresponde a nossa acção. A primeira centelha desce do céu e é o desejo de o ter. O desejo é um fervor começado. Completar-se-á com outros auxílios divinos e com a nossa cooperação. Como o navegante orienta a sua vela segundo o vento, como o lavrador prepara a terra para a sementeira, assim nós cooperamos com a graça. Primeiro que tudo por meio da *oração* e depois com a *meditação* e o *exercício*.

Quanto à *oração*, é bem claro.

Digamos alguma coisa a respeito da meditação e do exercício. As duas faculdades de entender e de querer merecem uma influência recíproca que tem grande importância.

*Meditando* sobre a vaidade e inconstância das coisas mundanas, sobre as desilusões e sobre as consequências funestas do pecado, seremos excitados ao fervor meditando nas grandezas de Deus, no seu amor inefável, na beleza da virtude, nos exemplos de Nosso Senhor e dos Santos, e na recompensa eterna, somos conduzidos ao fervor por atracção.

Assim o nosso desejo tornar-se-á uma vontade. Para a tornarmos veemente não teremos senão que intensificar a oração e a meditação de maneira que, com a graça divina, a nossa vontade de agradar a Deus se torna uma ideia fixa que nos ocupe inteiramente.

Diante dos olhos não teremos então outro desejo, inteiramente presos como estaremos por um ímpeto de amor. Para o tornar constante e estável, será necessário acrescentar o *exercício*.

A vontade é uma energia que de algum modo se pode comparar com as energias musculares; o treino desenvolve-a e robustece-a. A repetição de actos cria o hábito e o hábito torna cada dia mais segura e mais fácil a acção.

Orar, pensar e agir é por assim dizer a trindade psicológica do espírito fervoroso.

A oração chama a graça divina, o pensamento procura a mola da vontade que se entrega logo à acção. Mas no exercício, a pressão e a entrega à acção alternam-se e neste alternar-se se adquire todos os dias energia, estabilidade e constância.

Com o mesmo método resistiremos também às dificuldades. Todos os inimigos do espírito estão em armas contra o fervor. O demónio, as paixões e o mundo representam três fervores diversos para o mal e persuadem-nos de que no seu desejo e na sua acção são veementes, estáveis e constantes.

Combatamos mas sem tremor. O medo seria prejudicial, porque nos tornaria incertos e flutuantes na magnífica batalha. Não sejamos porém temerários; não provoquemos a luta; assaltados lancemos humildemente o nosso apelo a Deus e apliquemo-nos com segurança à defesa e ao ataque.

Se nós somos fervorosos, os nossos inimigos também o são. Deus é fervorosíssimo; não temamos. Ele nos dará a vitória.

Pode perder-se o fervor? Não pode. O verdadeiro fervor, colocado na plenitude das suas prerrogativas, das quais a última é a estabilidade, é permanente por definição. Não se pode perder senão um fervor aparente.

Demonstramos que os títulos do fervor estão unidos um ao outro e que a contextura de todo o sistema é a graça; contextura que não é só o fundamento, mas o sustentáculo de todas as fortes, desde a base ao vértice.

E dissemos que a primeira necessidade é a oração, precisamente para obter a graça; é o mesmo que dizer a humildade. É pois claro que o fervor não se pode perder senão pela via do orgulho. O orgulho é uma contextura humana que substitui a divina; se confiamos em nós mesmos, se não continuamos a orar ou ao menos não continuamos a orar com a mesma insistência, o edifício corre o risco de se desmoronar. E, como a corrupção do óptimo é a pior de todas as corrupções, o nosso fervor se converterá numa degeneração, a pior de todas as degenerações, aquela pela qual o homem se substitui a Deus, quer dizer, a morte à vida, unida à mais mortal de todas as persuasões, a de estar na vida.

Se quisermos conservar o fervor, sejamos humildes! Uma só palavra basta para resumir aquilo que o fervor é, aquilo que ele faz: a palavra amor. É o amor que lhe dá aquela liberdade de movimentos que o torna ágil e aquela calma que o torna inalterável. Amando faz o que quer, porque não quer senão o que agrada a Deus.

Que falta então à alma fervorosa para ser ela mesma o Paraíso? Talvez só uma coisa: o zelo eterno na sua vontade de amar.

Mas se a característica do fervor é a de ser estável e constante, não podemos considerá-lo senão nesse estado muito semelhante ao daqueles que, como os Apóstolos depois do Pentecostes, estão confirmados em graça, de maneira que já não podem pecar.



## ÍNDICE TEMÁTICO

I. Pontualidade.....	3
II. Exactidão.....	7
III. Constância.....	12
IV. Paciência.....	20
V. Cautela.....	31
VI. Docilidade.....	37
VII. Afabilidade.....	40
VIII. Fervor.....	46